



VI CONGRESSO
INTERNACIONAL DE
MARIA AUXILIADORA
hic domus mea inde gloria mea
da casa de Maria às nossas casas

FAMILIA SALESIANA



ADMA
ASSOCIAZIONE DI MARIA AUSILIATRICE

AUXILIADORA DAS FAMILIAS

***Filha de Deus Pai, Mãe de Deus Filho, esposa do Espírito
Torna as famílias berço da vida, oásis de alegria***

Quando com José foi até o templo, pensavam certamente nos cantos de Israel
Deus é fiel e cumpre suas promessas, as fez a Abraão, e ao povo humilde
Ana e Simeão guiados pelo Espírito, cantam a alegria da luz em vossas mãos
Como raiz de uma árvore fecunda, levam a paz, anunciam o futuro

***Filha de Deus Pai, Mãe de Deus Filho, esposa do Espírito
Torna as famílias berço da vida, oásis de alegria***

Jovens e anciãos, colunas de seus povos, louvam todos juntos o nome do Senhor
Asas e raízes, esperança da Igreja, levam a vida a árvore de Deus
Guarda com José os passos dos seus filhos, entra em suas casas e cura suas feridas
Tu nos defende e guia com amor, aclamam as famílias, tu és Auxiliadora.

***Filha de Deus Pai, Mãe de Deus Filho, esposa do Espírito
Torna as famílias berço da vida, oásis de alegria***

Sobre sua casa há o vento do Espírito: Oh mãe assim falou, ao coração de Dom Bosco
De sua casa transmite uma mensagem: como o orvalho restaura as famílias

Pro Manuscripto
2015 ADMA
www.admadonbosco.org

ÍNDICE

6 de agosto de 2015	
“Boa Noite” - Reitor Mor.....	5
7 de agosto de 2015	
Apresentação de Jesus no Templo “De geração em geração se estende a sua misericórdia”.....	7
Testemunho sobre o Venerável Attilio Giordani, marido e pai.....	12
De geração em geração: da casa de Valdocco às nossas casas... ..	16
Boa noite da Madre	24
8 de agosto de 2015	
A família, berço do amor e da vida	26
Perfis de famílias feridas, na história da santidade salesiana.....	33
9 de agosto de 2015	
Palestra de encerramento Reitor-Mor	38
8 de agosto de 2015	
<i>Homilia</i> - Basílica de Maria Auxiliadora Reitor-Mor	43
9 de agosto de 2015	
<i>Homilia</i> - Colle Dom Bosco Reitor-Mor	45

“BOA NOITE” - REITOR MOR

PE. ÁNGEL FERNÁNDEZ ARTIME SDB

O VII Congresso Internacional de Maria Auxiliadora, promovido pela Associação de Maria Auxiliadora (ADMA), é um evento de toda a Família Salesiana. Acontece providencialmente no ano em que se celebra o Bicentenário de nascimento de Dom Bosco e no qual a Igreja dedica atenção especial aos desafios pastorais sobre a família, no contexto da evangelização.

O lema: *“Hic domus mea, inde gloria mea – Da casa de Maria às nossas casas”*, quer indicar a presença materna de Maria, Mãe da Igreja e Auxiliadora dos Cristãos, no fazer viver a beleza de ser família.

O Logotipo do Congresso quer exprimir estes conceitos em seus três elementos:

- A Basílica de Valdocco simboliza o centro carismático da Família Salesiana, de seu espírito e de sua missão.
- Maria Auxiliadora exprime a presença viva e operante de Maria na história de Dom Bosco e do movimento que se originou com ele.
- A família é o lugar da presença de Jesus e Maria, para um renovado empenho de educação e de evangelização.

“As famílias são a Igreja doméstica, onde Jesus cresce, cresce no amor dos cônjuges, cresce na vida dos filhos. E por isto o inimigo ataca tanto a família: o demônio não a quer! Procura destruí-la, busca fazer com que o amor não esteja ali. As famílias são esta Igreja doméstica. Os esposos são pecadores, como todos, mas querem prosseguir adiante na fé, na sua fecundidade, nos filhos e na fé dos filhos. O Senhor abençoe a família, torne-a forte nesta crise na qual o diabo quer destruí-la” (Papa Francisco na Renovação do Espírito - 1 de junho de 2014).

A família é feita de rostos, de pessoas que amam, falam, se sacrificam pelos outros e defendem a vida a todo custo. Torna-se pessoa estando em família, crescendo com mãe e pai, respirando o ar da casa, verdadeiro ninho e berço da vida. É na família que recebemos o nome e, logo, a nossa dignidade. A família é o lugar da amizade, dos afetos, o espaço da intimidade, onde se aprende a arte do diálogo e da comunicação interpessoal.

O matrimônio, portanto, está no projeto de Deus desde sempre e é a base da família, porque nele se realiza o processo de humanização do mundo, de toda pessoa e de toda a sociedade. Não nos escondamos o fato de que hoje a família que se constitui no matrimônio entre um homem e uma mulher, que aí se torna *“uma só carne”* (Mt 19,6) aberta à vida, está atravessando por toda parte problemas de uma época de crise, rodeada por modelos de vida que a penalizam, negligenciada pelas políticas da sociedade da qual é verdadeira célula mãe, nem sempre respeitada em seus ritmos e apoiada em seus compromissos, pelas próprias comunidades eclesiais. Isto, no entanto, nos leva a dizer que devemos ter um cuidado especial para com a família e sua missão na sociedade e na Igreja. É bom também ver tantos esposos e famílias cristãs que, com o seu testemunho, mostram ao mundo uma experiência de comunhão e de serviço, que é semente de uma sociedade mais fraterna e pacificada.

Em sintonia com a Igreja, também a Família Salesiana dedica uma atenção especial à família, sujeito originário da educação e primeiro lugar da evangelização. Também Dom Bosco tem hoje muito a dizer às famílias: a sua história, o seu sistema educativo e a sua espiritualidade, fundamentam-se no espírito de família, que, em Valdocco, nasceu e se desenvolveu através da confiança em Maria.

Dom Bosco havia perdido o pai quando ainda criança; em casa, havia experienciado conflitos pela hostilidade do irmão Antonio, tinha sofrido fome e frio, e reconhecia que os grandes valores havia colhido ali: a sabedoria campesina, a argúcia saudável, o sentido do trabalho, a essencialidade das coisas, a diligência na ação, o otimismo a toda prova, a resistência nos momentos de desventura, a capacidade de recomeçar depois dos reveses, a alegria sempre e de qualquer maneira, o espírito de solidariedade, a fé viva, a verdade e a intensidade dos afetos, o gosto pela acolhida e a hospitalidade; bens todos eles que encontrara em sua família e o construíram daquela maneira. Foi de tal modo marcado por essa experiência que, quando pensou numa instituição educativa para os seus jovens, não quis outro nome que o de “casa” e definiu o espírito com que haveria de marcá-la com a definição de “espírito de família”. E para dar o caráter certo ao local, pedira a Mamãe Margarida, já idosa e cansada, que deixasse a tranquilidade de sua pobre casa na colina

para descer à cidade e cuidar daqueles jovens recolhidos da rua, aqueles que lhe dariam não poucas preocupações e desprazeres. Mas ela foi ajudar Dom Bosco e ser mãe de quem não tinha mais família nem afetos.

No Oratório vivia-se uma vida de boa família, escassa de recursos, e plena de sonhos; frequentemente Dom Bosco precisava sair de casa em busca de recursos para dirigir, mesmo se com simplicidade, um pensionato cada vez mais numeroso, ou para encontrar um pouco de paz e escrever os seus livros na Biblioteca do Convento ou em outro lugar. Mamãe Margarida o substituiu na assistência aos meninos além de se dedicar aos trabalhos domésticos comuns, na cozinha durante o dia e remendando as suas roupas à noite. São coisas simples, “pequenos particulares”, mas que “tiveram o seu peso em muitos aspectos da vida de Dom Bosco e dos jovens, e que nos ajudam a ver, em seus aspectos, a ‘família’ do Oratório”¹: O Oratório, de fato, na intenção de Dom Bosco, “tinha que ser *uma casa*, isto é, uma família, ele não queria que fosse *um Colégio*”². “A heróica mudança de Mamãe Margarida para Valdocco serviu para impregnar o ambiente daqueles pobres jovens do mesmo estilo familiar do qual floresceu o cerne do Sistema Preventivo e tantas modalidades tradicionais a ele relacionadas. Dom Bosco tinha experimentado que a formação de sua personalidade tinha raízes no extraordinário clima de dedicação e de bondade (dom de si) de sua família nos Becchi e quis reproduzir aquilo como qualidade mais significativa ao Oratório de Valdocco entre aqueles jovens pobres e abandonados”³.

Para nós, filhos de Dom Bosco, a família é uma realidade que faz parte de nossa vida e de nossa missão. Como educadores conhecemos bem a importância de se criar um clima de família para a educação de crianças e meninos, de adolescentes e jovens. Com este objetivo o melhor ambiente é o que reproduz o modelo base da família: o que representa “a experiência da casa”, onde os sentimentos, as atitudes, os ideais, os valores, são comunicados de maneira viva, muitas vezes com uma linguagem não verbal e sobretudo não sistemática, mas não menos eficaz e constante. A conhecida expressão de Dom Bosco “a educação é coisa do coração”⁴ tem a sua tradução na ação de abrir as portas do coração de nossos jovens para que eles possam acolher e valorizar as nossas propostas educativas.

Para nós, Família Salesiana, viver em família não é simplesmente uma escolha pastoral estratégica, hoje tão urgente, mas é uma modalidade para realizar o nosso carisma e um objetivo a privilegiar em nossa missão apostólica. Como traço carismático característico, vivamos o espírito de família; como missão prioritária, a educação e a evangelização dos jovens; como opção metodológica educativa, trabalhemos recriando em nossos ambientes, o espírito de família.

¹ P. Stella, o. c. p. 115. Cf. José M. Prellezo, Don Bosco, fundador de comunidad. Aproximación a la comunidad de Valdocco. Cuadernos de Formación Permanente 7 (2001) 166.

² A. Caviglia, II “Magone Michele”, in Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco, vol. V, SEI, Torino 1965, p. 141.

³ E. Viganò, Nell’anno della famiglia, in ACG 349, giugno 1994, p. 29.

⁴ Lettera circolare di Don Bosco sui castighi 1883, in Epistolario di San Giovanni Bosco (a cura di E. Ceria) vol. IV, SEI, Torino 1959, p. 209.

7 DE AGOSTO DE 2015

APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO “DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO SE ESTENDE A SUA MISERICÓRDIA”

PE. PATRIZIO ROTA SCALABRINI

²²Concluídos os dias da sua purificação segundo a lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentar ao Senhor- ²³conforme o que está escrito na Lei do Senhor: "Todo primogênito do sexo masculino será consagrado ao Senhor - ²⁴e para oferecerem o sacrifício prescrito pela lei do Senhor, um par de rolas ou dois pombinhos.

²⁵Ora, havia em Jerusalém um homem chamado Simeão. Este homem, justo e piedoso, esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava nele. ²⁶Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que não morreria sem primeiro ver o Cristo do Senhor. ²⁷Impelido pelo Espírito Santo, foi ao templo. E tendo os pais apresentado o menino Jesus, para cumprirem a respeito dele os preceitos da lei, ²⁸tomou-o em seus braços e louvou a Deus nestes termos:

²⁹"Agora, Senhor, deixai o vosso servo ir em paz, segundo a vossa palavra. ³⁰Porque os meus olhos viram a vossa Salvação ³¹que preparastes diante de todos os povos, ³²como luz para iluminar as nações, e para a glória de vosso povo de Israel.

³³Seu pai e sua mãe estavam admirados das coisas que dele se diziam. ³⁴Simeão abençoou-o e disse a Maria, sua mãe: "Eis que este menino está destinado a ser uma causa de queda e de soerguimento para muitos homens em Israel, e a ser um sinal que provocará contradições ³⁵- e uma espada transpassará a tua alma - ; a fim de serem revelados os pensamentos de muitos corações.

³⁶Havia também uma profetiza chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser; era de idade avançada. Depois de ter vivido sete anos com seu marido desde a sua virgindade, ³⁷ficara viúva, e agora com oitenta e quatro anos não se apartava do templo, servindo a Deus noite e dia em jejuns e orações. ³⁸Chegando ela à mesma hora, louvava a Deus e falava de Jesus a todos aqueles que em Jerusalém esperavam a libertação". (Lc 2,22-38)

UMA FAMÍLIA LIVREMENTE SUBMISSA À LEI

A narração da apresentação de Jesus no templo foi colocada por Lucas sob o sinal de um cumprimento da lei do Senhor, indicando que a história da salvação não se baseia no nada, mas vem da observação fiel, diária, da Lei. Por outro lado não é a obediência humana que salva, mas somente a ação divina, indicada aqui pelo Espírito de Deus que colocará em ação o encontro entre a família de Jesus e dois anciões presentes no templo naquele momento. Narrar este encontro de gerações é o que mais importa a Lucas, mais do que a exatidão jurídica. De fato, a própria presença do menino não é necessária para a purificação da puérpera e por outro lado o resgate do primogênito é um ritual que não está ligado propriamente ao templo, porque pode ser feito em qualquer lugar.

Para o evangelista, Jesus é apresentado no templo justamente para cumprir a lei sobre o resgate dos primogênitos (citação livre de Ex 13,2.12.15). Se tudo é do Senhor, os primogênitos segundo a visão bíblica, o são de forma particular e por isso devem ser resgatados e redimidos. Com relação a Jesus, pelo contrário, não se faz referência a nenhum resgate. Ele é levado à casa de Deus e fica consagrado ao Senhor. Enquanto Filho de Deus, provem de forma totalmente especial de Deus e lhe pertence de forma única. Enquanto completamente consagrado a Ele, é salvação e glória de Israel e luz para todos os povos.

Estimulante é a pista oferecida pelo verbo com o qual Lucas indica a apresentação de Jesus no templo: *paristêmi*. O mesmo verbo aparece em Paulo no início da seção parenética da carta aos Romanos: "Eu vos exorto, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus: é este o vosso culto espiritual" (Rm12,1).

A apresentação no templo é profecia, antecipação do DNA da missão de Jesus, que fará de sua vida uma total oferta de si ao Pai e ao seu plano. Por outro lado tal oferta é o fundamento e o modelo da oferta-apresentação a Deus que cada um de nós é chamado a fazer, como sugere justamente Paulo. É o fundamento porque Jesus, com o sacrifício de si próprio doará ao crente o Espírito que o habilitará a se tornar um culto digno a Deus. É, pois, o modelo supremo porque Jesus não se limitou a dar “alguma coisa” a Deus, como se fazia nos sacrifícios antigos, levando ao templo animais e produtos vegetais; ele colocou em jogo toda a sua energia, seu próprio corpo, doando-se completamente aos desígnios do Pai.

O tema do resgate entrelaça-se àquele da “purificação” (*katharismós*). Deve-se notar que o texto grego não fala propriamente de uma purificação dela (Maria), mas de uma purificação “deles”. Não se trata aqui de encontrar um improvável erro devido a um não preciso conhecimento dos hábitos hebraicos, pelo qual se pensaria em uma purificação envolvendo também o marido da mulher. Antes preferimos ver um indicio teológico com o qual o evangelista sugere que a apresentação de Jesus no templo é para “a purificação deles”, isto é, do templo, com os sacerdotes e o povo. Parece que Lucas se referia às profecias de *Ml* 3,1ss o qual fala de uma vinda de YHWH na vida cultural do povo e, então no templo, para que se desenvolvesse uma energética ação de purificação do pecado, que contagia o culto. Poderia haver também uma outra eco prima testamentária, e precisamente a profecia daniélica das setenta semanas, que se conclui com uma purificação e consagração do “Santo dos Santos” por parte do próprio Senhor (*Dn* 9,24). Agora é a presença de Jesus no templo que purifica a relação cultural com Deus e torna o povo capaz de uma adoração a Ele aceita. Em todo caso, para a purificação da puerpera, Lucas cita a norma de *Lv* 12,18 segundo a qual se ofereciam duas rolinhas ou pombinhos. Todavia nota-se imediatamente que neste ponto a narração enfatiza mais o menino que sua mãe.

Ao narrar este episódio da infância de Jesus, Lucas não entra nos conteúdos dos rituais para cumprir a Lei, mas enfatiza a presença da família toda no templo. A família de José e Maria com a criança ali se apresentam e ao mesmo tempo se apresentam dois anciões: antes Simeão e depois Ana. Maravilhoso entrelaçamento de gerações que não pode deixar de tocar os registros afetivos, sem contrapor ao registro teológico. O que significa que o texto não é somente a ilustração da necessária dinâmica da geração das famílias e da comunidade expandida, subentendida justamente como rede de famílias, mas revela como a salvação de Deus percorre as gerações, e faz com que estas gerações encontrem a salvação num nível mais profundo do que apenas como dado biológico e social, nível profundo este que faz com que as pessoas sejam chamadas a se tornarem filhos e filhas no Filho (ver *Rm* 8,29).

A família de Jesus é bem caracterizada como uma família de hebreus crentes, observadores da Lei. Jesus viverá por muitos anos neste núcleo familiar, que inspira as suas escolhas à obediência à palavra de Deus, qual luz e alegria da vida. Obedecer à Lei não é para Maria e José aderir a uma simples lei, mas um ter como base das próprias escolhas, a vontade de Deus, anunciada na sua palavra, que clareia o caminho, mas não tira a responsabilidade pessoal de refletir. Voltando ao fato de que o evangelista considera que obedecer à lei do Senhor é um dos objetivos deles dirigirem-se ao templo, que pede o resgate dos primogênitos, vemos como esta prescrição bíblica está carregada de significado. Ela lembra ao crente que um filho (e o primogênito é símbolo privilegiado da filiação...) é sempre um dom e que é portador de uma esperança, encontrada na boa promessa divina. Por isso os crentes do povo da Primeira Aliança, com o resgate dos primogênitos, reconhecem de forma ainda mais evidente, que a vida humana é um dom de Deus e está sob a sua bênção.

A bênção que está sobre cada criança virá explicada depois neste episódio pelas palavras de Simeão. Assim, se somente de Jesus pode-se dizer que é bênção enquanto Salvador de Israel e Luz dos povos, por um outro ponto de vista, as palavras de Simeão declaram aquilo que se pode dizer de cada filho do homem, e isto é, que cada pessoa que nasce é portadora de uma promessa para toda a humanidade.

O JUSTO SIMEÃO

A apresentação de Jesus no templo não é um evento isolado, mas envolve todo o povo de Deus na sucessão das gerações, exemplificadas aqui na pessoa do menino, de seus pais e dos dois anciões Simeão e Ana. Através da narração de um encontro humano, o evangelista quer sublinhar a continuidade do esquema de salvação que cada geração deve entregar à geração sucessiva, após tê-lo herdado da precedente. Basta recordar a insistência com a qual o Antigo Testamento recomenda a transmissão da Fé de uma geração à outra. Eis uma passagem bíblica entre tantas : “*Guarda-te, pois, a ti mesmo: Cuida de nunca esquecer o que viste com os teus olhos, e toma cuidado para que isto não saia jamais de teu coração, enquanto viveres; e ensina-o aos teus filhos, e aos filhos de teus filhos*” (*Dt* 4,9).

Seria, no entanto, simplista pensar sobre uma comunicação da fé que ocorra só entre as gerações ligadas por vínculos de sangue (avós, filhos, netos). Este tipo de comunicação é o paradigma de como a comunidade inteira deve se encarregar de testemunhar a fé e a esperança às novas gerações.

Indo ao texto de *Lc 2,25ss* logo se vê que o evangelista não diz claramente a idade de Simeão (o qual pelo contrário é apresentado na hagiografia como um velho), mas deixa todavia perceber a sua ancianidade por suas palavras de despedida, que são também uma despedida de sua vida terrena. Portanto é correto referir-se a ambos Simeão e Ana como anciãos. Ambos agem e falam da ação do Espírito e são tomados pelo sentimento de espera, pois esperam na redenção de Israel e esperam o conforto de Jerusalém. Estas duas figuras encarnam a fé dos justos que, no curso de uma vida conduzida na obediência à lei do Senhor, nutriram a esperança na intervenção escatológica, salvífica, de seu Deus.

Mas detenhamo-nos agora em Simeão. É interessante notar que no templo não vemos citados os sacerdotes como normalmente seria de se esperar, mas simplesmente um ancião que desempenha o papel de profeta.

Por Simeão, fala-se três vezes do *Espírito Santo*, e esta tríplice anotação referente ao Espírito Santo se faz em paralelo à anotação a respeito do tema da Lei, da qual Maria e José foram guiados no levar o filho ao templo. Agora é o Espírito que fala através de Simão e que revela a profunda identidade daquele menino.

Simeão pronuncia dois discursos, um que coincide com uma oração de louvor e a outro dirigido ao pai e à mãe do menino. O primeiro discurso é uma bênção a Deus, que Simeão pronuncia depois de ter tomado o menino em seus braços. Este também é um gesto raro e é sugerido pelo Espírito Santo. Ele, tomando-o dos pais, é como se o expropriasse, pois declara desta forma que o menino não pertence somente a eles, mas é para todos os homens e para Israel, em particular. Aquilo que floresce de seus lábios é o terceiro cântico do evangelho de Lucas: é breve e muito pessoal. Ele celebra a ação de Deus que dá esperança, cumprindo as suas promessas em favor de Israel e de todas as nações.

Neste cântico notamos *a hora* inicial que corresponde a este momento de *Lc 2,11*. É a hora dos novos tempos, é a hora da novidade da vinda de Deus! Portanto, o Senhor – ou melhor, o Patrão (grego *despótês*), pois Ele é o Deus da vida e da morte – pode “deixar ir *seu servo*” cujo próprio fim não parece morte, mas realmente um “poder partir em paz”. Agora a paz trazida por este menino está se cumprindo sobre Simeão e a morte já não lhe dá medo. Ele declara que seus olhos viram a salvação; é testemunho de uma experiência de visão devido à sua fé, isto é, à iluminação que Deus lhes concedeu para reconhecer em Jesus a salvação destinada à humanidade inteira. E assim, em Jesus, o Deus que se revelou para Israel de forma particular, se revela depois a todos os povos; mas a glória de Israel consistirá em ser o caminho que Deus escolheu para atingir a própria luz até aos extremos confins da terra.

O hino de Simeão deixa o pai e a mãe de Jesus surpresos e cheios de interrogação. Temos nisso um dos motivos recorrentes no evangelho da infância que se aproxima àquele da alegria da solicitude (cfr. *Lc 1,63*; *2,18*). Assim o segundo discurso de Simeão é dirigido à mãe, a Maria, e é um oráculo sobre ela depois de tê-la abençoado junto com José. É um discurso composto de três anéis construídos de forma concêntrica: no centro estão os sofrimentos de Jesus e de Maria, ou seja o “ferimento da espada” que corresponde à “contradição”. Jesus é um sinal oferecido à fé e à liberdade dos homens, referente ao qual o mesmo povo de Deus deverá tomar uma posição; e em Israel alguns negarão, outros, pelo contrário, aceitarão segui-lo, e o mesmo ocorrerá depois nas nações.

Esta divisão profunda passará, por assim dizer, na própria família de Jesus e será uma dor para o coração de Maria. Não consideremos que o texto fale de uma tentação de Maria, mas sobre tudo de uma dilaceração que ferirá sua existência, a qual será de qualquer forma dividida entre os amados filhos de Israel que não reconhecem o Filho, e o amor e a fé pelo próprio Filho.

A palavra “sinal de contradição” introduz, depois, as páginas de luz gloriosa que encontramos até hoje, o elemento do paradoxo. É o mesmo que se encontrou na pequenez do menino de Belém, em sua pobreza, no sinal singular dado aos pastores! E então o paradoxo é que Jesus, portador da paz, produzirá divisão (cfr. *Lc 12,51-53*); o doador da salvação poderá ser a causa de ruína para muitos (*Lc 7,23*) e aquele que é glorioso se deixará humilhar (*Lc 24,26*). Esta palavra de Deus é como uma espada que corta, que purifica cortando, e que julga os pensamentos dos corações (cfr. *Heb 4,12*); aqui é uma espada que passará na vida de Maria e que dilacerará a existência diante da tremenda recusa da qual Jesus será vítima e que o levará à tortura da cruz. A tradição cristã vê justamente Maria associada a este momento do martírio de Cristo, reconhecendo no oráculo de Simeão, uma profecia do mistério pascoal

ANA, A PROFETISA

“*Havia também uma profetisa Ana, filha de Fanuel da tribo de Aser*”. Esta mulher é um raio de alegria e luz que surge depois da obscura profecia anunciada por Simeão à mãe de Jesus. Ela - como Simeão e como todos os protagonistas que a precederam, na narração do evangelho de Lucas -, é o tipo dos pobres de YHWH. Esses “pobres” não têm outra riqueza a não ser a confiança e a esperança em Deus e representam o verdadeiro coração do povo do Senhor, aquele resto que traz em si toda a esperança de Israel em seu Messias e tem como família somente o seu Deus. O nome dessa mulher é um presságio que indica o destino preparado por Deus para esta “pobre” mulher. Se sua viuvez em tenra idade e (como supõe o texto) a falta de filhos parecem presenteá-la entre os desafortunados, os não abençoados o seu nome seria uma ironia do mau gosto. De fato tudo uma promessa : chama-se Ana (o que significa “*graça*”), a sua tribo é aquela de Aser, o que significa “feliz, bem aventurada”, e seu pai é *Fanuel*, isto é, “face de Deus”. A contradição é finalmente eliminada, pois agora se manifesta toda a *graça* do Senhor sobre ela, a *felicidade* que deve culminar ao ver no rosto da criança que traz nos braços, a *face* de Deus feito carne. Aqueles braços que jamais haviam acalentado um filho próprio, agora podiam abraçar o Filho de Deus; a sua esterilidade e a sua viuvez não eram mais uma desonra, mas valores vividos em uma existência consumida a serviço de Deus, em contínua oração.

Ela é o tipo da crente que, como canta o último Salmo das ascensões (*Sal 134*), dirige incessantemente a própria oração a Deus, transcorrendo no santuário as horas da noite. Assim viveu Ana (“Nunca se afastava do templo, servindo a Deus noite e dia, com jejuns e orações”-*Lc 2,37*). Deus foi sua verdadeira família, a casa de Deus foi sua única casa, a companhia do Senhor, esperado intensamente, foi o verdadeiro conforto desta mulher.

Assim como Judite, mulher fiel e cheia de bênçãos divinas, também ela foi abençoada com uma longa velhice, com uma vida conduzida na perfeição da fé (os seus 84 anos, isto é, 7 x 12). Como Judite, Ana é viúva e oferece, por assim dizer, um modelo para as viúvas da comunidade cristã que deviam ser numerosas e preciosas por seu serviço na Igreja. Lucas faz questão de indicar a presença delas, citando diversas protagonistas na mesma situação; e o mesmo diga-se da narração dos *Atos dos Apóstolos*, onde surgem mulheres particularmente importantes para o desenvolvimento dos primórdios da Igreja.

Ana, como que movida pelo Espírito Santo, se dirige onde está a criança e imediatamente canta seu hino de agradecimento a Deus; depois, de 'evangelizada' se torna evangelizadora: “*falava do menino a todos que esperavam a redenção (resgate) de Jerusalém*”. O menino tinha sido levado ao templo para ser “resgatado”, e na realidade não precisa ser resgatado, mas é ele que “resgata”!

PARADIGMAS DE FÉ E DE ESPERANÇA

Contra o princípio de que a velhice não é mais a idade dos grandes desejos, as personagens lucanas de Simeão e Ana nos lembram como o ancião pode, ao contrário, ter e dar espaço ao desejo mais radical do ser humano: encontrar Deus, viver em comunhão com Ele. Uma consciência de retidão e temor a Deus, um coração sustentado pela oração, presenteiam a última estação da vida com a sua luz mais bela e isto a torna ainda mais fecunda e serena.

Contra outro princípio que associa a juventude à alegria, estas figuras lucanas (e isto valeria também para os anciões Isabel e Zacarias) se erguem como um testemunho preciso: quando o coração de um ancião é puro e aberto aos sinais da criatividade do Espírito, é capaz de transmitir uma alegria contagiosa, comovente, aquela pela qual se pode constatar a verdade celebrada pelo salmista: “*É ele que cumula de benefícios a tua vida, e renova a tua juventude como a da águia*” (*Sal 103,5*). É realmente possível que o ancião, que conheceu as provações da vida, o sofrimento da fé, a dureza da perseverança, experimente uma alegria que talvez nem mesmo em sua juventude tenha provado. É claro que esta alegria não tem um mero fundamento psicológico, mas se atinge à força do Espírito.

Quando o ancião está aberto ao Espírito Santo, não fica mais fechado em si mesmo, naquele prepotente egocentrismo de quem está preocupado somente consigo mesmo, sentindo-se menos forte; então realmente os horizontes da alegria se abrem, pois a contemplação faz perceber as maravilhas de Deus, especialmente aquela maravilha incomparável que é o Menino divino, e também toda e qualquer criança, pois cada um é sinal e penhor do futuro da humanidade.

Por fim nas figuras de Simeão e Ana, Lucas deixa entrever a força de uma tradição de fé que é entregue de uma geração à outra. Simeão e Ana são a custódia da memória de fé de Israel e testemunhas de sua esperança. Por outro lado a

memória se torna viva abrindo-se à novidade que Deus opera no presente, no *hoje*. É o que reconhecem os dois anciões, aclamando a revelação de Deus naquele menino, através do qual Israel e o mundo alcançam a libertação e a salvação.

EM NAZARÉ

"Após terem observado tudo segundo a lei do Senhor, voltaram para a Galiléia, à sua cidade de Nazaré. O menino ia crescendo e se fortificava: estava cheio de sabedoria, e a graça de Deus repousava nele"(Lc2,39-40).

Conclui-se a apresentação de Jesus no templo com a notícia sobre sua vida cotidiana em Nazaré. Começam aqui os longos anos escondidos, a vida monótona, provinciana, Daquele que deve salvar os homens. O esconderijo de Nazaré faz parte integrante do plano misterioso do amor de Deus, que quis salvar a humanidade entrando também na simplicidade e normalidade do cotidiano. Lucas não nos dá nenhuma informação sobre este período da vida de Jesus, salvo o episódio do desaparecimento e reencontro de Jesus no Templo. É um tempo de preparação durante o qual se molda sua humanidade e a graça de Deus opera nele.

Perguntamo-nos qual é o perfil desta família. Bem, parece o mesmo de uma família como berço na qual pode tomar forma uma disponibilidade do filho de acolher a vocação de Deus para com ele. Isto é implicitamente um ensinamento também para o leitor a respeito do sentido da vida de cada família que seja autenticamente esse, isto é, permitir a cada um de seus membros, descobrir e acolher o próprio chamado, e, encontrar, assim, o próprio lugar no projeto de Deus. Isto – como transparecerá também no episódio evangélico sucessivo de Lc 2,41-52 – , não é uma tarefa fácil, e pode implicar, ainda, em dolorosas separações, até mesmo em momentos de incompreensão, que não foram poupados nem aos pais de Jesus.

Com uma frase que poderia soar quase como um slogan, o leitor compreende, contemplando a família de Nazaré envolvida neste acontecimento, que a essência da família é *ser vocação à vocação!*

O evangelista nos mostrou já durante a apresentação no templo a incompreensão de Maria e de José às palavras do ancião Simeão sobre o mistério de seu filho e sobre ele ser, num futuro, sinal de salvação e de divisão. A mesma incompreensão será observada na ocasião do reencontro do jovem Jesus no templo. Lucas confia ao próprio leitor a imagem de uma família visitada pelo mistério divino, mas não por isso isenta de problemas e da dificuldade de entender, e de reconhecer aquele plano de Deus ao qual é necessário ajustar as próprias escolhas.

A família de Nazaré entrega uma preciosa verdade: obediência e liberdade, longe de serem polos opostos, se complementam, porque a liberdade existe para o serviço; e a família é o berço e a primeira escola na qual se aprende esta verdade!

TESTEMUNHO SOBRE O VENERÁVEL ATTILIO GIORDANI, MARIDO E PAI

I FIGLI PIER GIORGIO, MARIA GRAZIA E PAOLA

A vida do papai foi muito simples, não ocorreram acontecimentos excepcionais. Veio de uma família normal, sempre se dedicou muito ao oratório, desempenhando a atividade de delegado dos aspirantes, catequista, animando a comunidade oratoriana com os esportes, teatro, organizando jogos, grandes eventos (como se diz atualmente), mas trabalhou também como funcionário da Pirelli, casou-se, teve filhos e os acompanhou durante seu crescimento.

Também os valores que nós filhos notamos em nosso pai são simples mas fundamentais. Sobretudo foi um homem que conquistava por sua bondade. Não era somente generoso e sempre disponível, pronto a acolher a necessidade dos outros e socorrê-los, mas possuía também a capacidade de aceitar os outros como eles eram. Nunca ouvimos falar mal de alguém ou criticar seus atos e ações. Pelo contrário, ficava muito mal quando alguém na família expressava algum julgamento sobre as pessoas; era uma coisa que o fazia sofrer. Queria que as eventuais críticas, se necessárias, fossem feitas diretamente ao interessado, com humildade e suavidade para que pudessem ser aceitas: saber apreciar as pessoas, mas não lisonjeá-las, para depois julgá-las pelas costas; ser verdadeiros e sinceros nos relacionamentos interpessoais, mas sempre com amor, conscientes dos próprios limites e dos próprios defeitos. Sabia descobrir os lados positivos de cada um: se entendia com todos, gente de tendência política de direita, de esquerda, do centro; tinha amigos entre pessoas ricas (às quais sabia sempre propor alguma forma de intervir em casos de necessidades alheias) e muito pobres.

O centro de sua vida era a fé, e tinha convicção de que não havia necessidade de muitas palavras para testemunhá-la: a vida em si tinha que ser a palavra mais importante. Este foi o sentido da última palestra que fez, poucos instantes antes de morrer, no encontro em Campo Grande (Brasil) entre os voluntários da Operação Mato Grosso.

Pensamos realmente que papai tenha conseguido viver coerentemente a fé e os valores nos quais acreditava, em todos os ambientes que freqüentou incluindo o seu lugar de trabalho, talvez o âmbito no qual é mais difícil ser coerente. Por muitos anos depois de sua morte os seus colegas freqüentaram a nossa casa, nem tanto para nos visitar, pois pouco os tínhamos conhecido, mas para reencontrar de alguma maneira, a atmosfera da casa, aquela serenidade que ele tinha sempre conseguido difundir.

A fé do papai não era uma fé severa e intransigente. Tinha respirado desde menino no oratório a alegria de Dom Bosco, e a serenidade de seu espírito se manifestava também no seu constante bom humor. Amava brincar, rir, viver e difundir a alegria. Mesmo nos momentos difíceis da vida, na doença e na longa convalescença depois do primeiro enfarte, mesmo quando precisou limitar os compromissos e se resignar a uma vida menos atraente, nunca o vimos desanimado, nervoso ou triste. A nascente da alegria tinha nele raízes profundas e era alimentada por uma vida interior que fluía constante e plenamente.

Papai era um homem que não impunha as coisas, nem aos outros, nem a nós: dedicou-se a tantos jovens, conseguindo conquistá-los, mas depois eles tomaram rumos diferentes daqueles para os quais ele os havia encaminhado; procurou porém não perder os contatos com nenhum deles, não se atemorizou diante das escolhas discutíveis: tinha entendido que a dinâmica do crescimento de uma pessoa às vezes passa por caminhos longos e tortuosos. Porém sempre insistiu, conosco e com seus jovens, para que na vida fossem feitas escolhas, não nos deixássemos andar sem rumo e que nos dedicássemos a algo. Quando Piergiorgio, depois de anos de uma vida bastante dispersiva, encontrou a Operação Mato Grosso e a ela se dedicou, papai não somente se empenhou com muita delicadeza e perspicácia para que isto ocorresse, mas se entusiasmou com seu entusiasmo e até mesmo quis ele próprio seguir esta opção, que ao mesmo tempo tinha envolvido também Maria Grazia e Paola.

De resto estávamos convencidos, que qualquer coisa que tivéssemos feito na vida, mesmo errada, nunca nos teriam faltado afeto e presença dele e da mamãe. Esta era a atitude que ele tinha com todos.

Esta confiança depositada nos outros era fruto da confiança no Senhor e na Providência; eram duas correntes paralelas. Vimos a maneira como ele administrava o dinheiro e os bens: nunca nos faltou nada, mas o que havia a mais, tinha que ser repartido, quer fosse uma parte do salário, uma roupa ou um brinquedo. Confiava no amanhã, não queria

pesos inúteis. E tinha razão: quando chegaram os tempos difíceis e ele se encontrava doente e sem salário, sempre houve uma mão que chegava discretamente para nos apoiar.

Deu-nos sempre plena liberdade para escolhermos o nosso caminho e sempre nos apoiou. Nós três pudemos seguir os estudos que preferimos, mesmo que isso tenha trazido algum sacrifício, assim também como aceitou serenamente que jogássemos tudo para o alto para nos dedicarmos a algo bom e belo. Assim não se opôs quando Piergiorgio interrompeu os estudos universitários pouco antes da formatura, para partir para o Brasil como voluntário por tempo indeterminado. Disse somente: “Pense bem nisso, não faça algo do qual um dia você poderá se arrepender, mas saiba que nós estaremos sempre do seu lado e que você poderá contar conosco a qualquer momento”. E Piergiorgio não somente partiu, como também se casou no Brasil e ali teve seu primeiro filho, justamente contando com este apoio incondicional do papai e da mamãe.

Era a mesma dinâmica que ele usava para todas as situações: deixar ir, dar embora, dar também os filhos, dar embora um certo clima familiar, dar embora sua tranqüilidade afetiva colocando-a à disposição de todos, sabendo que há Alguém que dirige a nossa vida, acima e além dos nossos planos limitados e que as coisas se resolvem, se remediam; basta querer e ser paciente.

É verdade que nos anos da nossa infância e adolescência o papai ficava muito pouco em casa, pois entre o trabalho, os compromissos na paróquia e no oratório, ia para casa para as refeições e ao entardecer, mas nós nunca nos sentimos descuidados por ele, mesmo porque quando ele estava em casa era inteiramente nosso, e porque sabíamos bem que em qualquer momento que precisássemos dele, de sermos ouvidos, de contar com seu tempo, ele estaria ali. E nós o agradecemos por isso, e não somente a ele, mas à mamãe também, que soube lidar com o esposo, com grande amor, inteligência e jogo de cintura. A compreensão entre eles foi plena em todos os momentos; nós não sabíamos bem como eles a tinham construído (éramos muito pequenos para ver como a compreensão entre eles crescera durante o tempo) mas colhemos e saboreamos os frutos. Nunca vimos um desentendimento, mau humor, mágoa, nunca ouvimos uma palavra rude. Decididamente fomos criados com um conceito muito elevado de família. A nossa crença, apesar de todas as fases e vicissitudes, teve esta sólida base sobre a qual brotou: o amor de nossos pais, trocado entre eles e vertido sobre nós. Podemos crer na bondade do Senhor, pois a tivemos diante do olhar do papai e da mamãe, entre eles, entre nós e para com os outros.

Papai sempre dizia que “a morte nos deve encontrar vivos”. E foi o que aconteceu: a morte o encontrou “vivo” enquanto estava no Brasil, voluntário maduro entre nós, jovens, para partilhar e colaborar com nosso trabalho nas missões. “Quando me recordo da morte de papai - escreveu Maria Grazia- me parece uma coisa natural, como aconteceu, pois o encontrou enquanto fazia coisas que amava e nas quais acreditava. Nunca houve uma interrupção na vida de papai, as coisas que ele escolheu as levou até o fim, mesmo talvez de forma diferente. Não consigo imaginar meu pai como um idoso aposentado; é justo que tenha sido assim e que tenha encontrado o Senhor enquanto estava ainda correndo com os jovens”.

Queremos concluir com algumas páginas do diário de Paola, referentes à partida do papai e da mamãe em 1972 para o Brasil, onde já se encontrava Piergiorgio com a esposa Laura e onde teria chegado também Maria Grazia, que fez a viagem de avião.

Estamos próximos da partida. Que turbilhão de sensações e nós na garganta. O dia 15 de junho o passamos junto ao Tio Camillo (o irmão de papai, sacerdote salesiano) em Vendrogno. Revejo-me num trem lotado. Papai sempre com seu senso de humor, com sua alegria quase infantil, de sempre, em suas viagens de trem. Fomos esmagados, pisoteados. Papai, apesar da quase total impossibilidade de mover-se, procura os melhores lugares para nós e para os outros. O tio nos espera na estação de Bellano. Papai no carro, durante o trajeto de Bellano a Vendrogno, apronta. Embrança os cabelos da mamãe, nos abraça, nos belisca e não se cala um só instante: uma brincadeira atrás da outra. Passando pelo santuário de Lezzeno, a Ave Maria, como sempre.

No dia antes da partida, mamãe estava transtornada pelo cansaço. Papai não parava, procurando ser o mais útil possível: “Noemi, diga-me o que deve ser feito”. Também naquele dia, estava dividido entre a casa, os amigos e o oratório. Precisa se despedir de todos e não pode se esquecer de ninguém. Alguns dias antes houve a despedida dos ex-alunos, que lotaram a capelinha.

E depois, o dia da partida: 21 de junho. Naquela manhã nos levantamos cedo, papai parecia um juvenzinho. Antes de sair de casa, como sempre, fizemos o sinal da cruz, depois, a saudação à Nossa Senhora de gesso no hall de entrada. Pe. Bruno nos levou de carro. Já junto um ônibus cheio de jovens e amigos do oratório. Chegamos no porto...

Quando a sirene anuncia a hora do embarque, sentimo-nos tomados pela confusão, apertos de mão, tinha-se a vontade de abraçar todo mundo no ultimo instante, sem se esquecer de ninguém. No navio nos debruçamos no parapeito da proa. Começa-se a abanar as mãos. Os amigos entoam alguns cânticos. Papai naturalmente adere com prazer, convidando-nos a cantar mais forte. O navio começa a se afastar do porto e papai segue o afastamento dos amigos percorrendo o convés do navio em direção contrária, como que para retardar o momento da separação. Por fim emite um grito aos seus oratorianos : Ip ip – urrah! Alè, ale, ale”, e todos respondem ao meu papai; estão acostumados a responder aos gritos do papai e aos seus chamados.

A sirene anuncia a hora do almoço. O garçom que nos serve é um senhor idoso, gordo e careca. Papai naturalmente quebra o gelo. Pergunta-lhe de onde vem, há quanto tempo trabalha no mar... consegue ser generoso e cordial com todos. Até para aqueles da mesa ao lado, ele tem uma palavra brincalhona...

A primeira escala: estamos na Espanha. No porto compramos muitos cartões postais e selos. Papai começa a escrever aos amigos: são tantos e todos para lembrar. Retomamos a viagem antes do almoço. Conhecemos outras pessoas. Sentimos nos bem todos juntos. Com o grupo que se formou, nos encontramos muitas vezes para trocarmos idéias e experiências, ou mesmo para algumas aulas de português. Na realidade a idéia de aprender um pouco a língua estará presente somente nos primeiros dias de navegação, mas o aluno mais assíduo e constante no estudo é o papai. À mesa ele relaciona em português os nomes dos objetos que se encontram presentes. Bate com a faca no copo e sobre o som emitido ele diz o “tem” (presente do verbo ter), provocando o riso de muitos e inclusive do garçom.

Papai conversa com todo mundo. Às vezes diz que quer dar uma volta e começa a percorrer o convés em passos largos; diz que desta forma ele se aquece, faz a digestão. No final da viagem ele afirma que muitos quiseram imitar a idéia do passeio. Passeando assim, certa tarde “vê” um idoso; e percebe que aquele senhor estava sempre sozinho. Ele se aproxima e inicia uma conversa informal. Conversam bastante. O senhor mostra as fotos de seus netos. Não está mais sozinho, encontrou alguém que se interessa por ele. Papai tem um sexto sentido para encontrar as pessoas que precisam de alguém para conversar.

Pela manhã cedo eu e ele subimos no convés. É sempre muito cedo e se encontram em todos os lados homens que fazem a limpeza. Rezamos juntos; depois ele lê a meditação. Trocamos poucas palavras. De vez em quando fazemos projetos sobre o que nos espera.

Durante a viagem papai não fica indiferente às crianças. Já na primeira noite ele se aproxima de um. Uma piadinha, um jogo fácil, mas o menino não quer conversar: mostra a língua e corre. Papai começa a tagarelar com um pequeno inglês: estamos sentados no banquinho de sempre na proa. O menino se aproxima, o papai solta algumas palavras em inglês. O menino a principio está inseguro e, depois, se sente cada vez mais seguro, responde, sorri e continua a falar. Papai não entende nada. Diverte-se e ri. Por fim oferece uma bala ao pequeno inglês.

Todos os dias à tarde há missa. Papai e mamãe nunca faltam e vão à capela alguns instantes antes do inicio da missa para rezarem o terço. A capela é a proa, numa posição infeliz, onde se percebe mais o movimento do navio. O capelão é uma pessoa estranha, tem um temperamento fechado e talvez endurecido pela vida vazia que se tem em um navio. Alguém do grupo o critica, mas o papai o defende.

Depois do jantar, nos encontramos com os amigos no convés. Papai pede para todos cantarem. E assim, uma noite, primeiro timidamente, depois, com maior segurança e força, nos pusemos a cantar. Outros se aproximam de nosso grupo, entre eles freiras missionárias; por fim chega também o capelão. Papai fica contente e com a voz já rouca, continua como contralto.

Mamãe como sempre desce cedo na cabine, depois eu e o papai a alcançamos caminhando de braço dado pelos corredores. Tornou-se amigo dos camareiros responsáveis pelas cabines. Pára e conversa com eles, compra cigarros e dá a eles.

Por fim a chegada em Santos, o encontro com Piergiorgio e sua esposa Laura, com o Pe. Rocca, ex-oratoriano e agora missionário, com o tio Giorgio, camiliano, irmão da mamãe e também missionário. À noite chegamos em casa os camilianos... relembro uma noite estrelada e depois a cantoria. Há um violão: acompanho alguns cantos montanhese e depois a música que o papai gosta tanto: “Colori”. Neste meio tempo papai descobre um sacerdote muito idoso. Eis que papai fala com ele e lhe faz perguntas com interesse.

Na tarde do dia seguinte fomos à missão do Pe. Rocca, em Taruma. No dia seguinte, domingo, eu e o papai nos encontramos na entrada da igreja antes do início da missa. Papai quebra imediatamente o gelo com as crianças que

encontra; pede-me para perguntar-lhes seus nomes e idades. Depois da missa algumas crianças se aproximam de nós: começamos a brincar fazendo um círculo. Quando o escolhem para ficar no meio ele imita um bobo, faz graças e caretas. As brincadeiras são todas dele e eu procuro explicar no meu pobre português. Assim chega onze e trinta e as crianças nos pedem para prometermos que voltaremos todos juntos à tarde; nem conseguimos tomar o café e eles já nos chamavam; terrível! São mais de cinquenta. Organizar jogos e explicar (no meu português) a mais de cinquenta meninos não é fácil, mas eles estão mais felizes do que nunca. Entendem. Pedem mais brincadeiras. Desta forma os gritos e o alvoroço atraem mais pessoas e mais crianças. Às quatro e meia estamos exaustos: terminamos bem com a abundante distribuição de balas. Que maravilha, papai o teu “legal!”; abraça-me e me pergunta preocupado: “Está cansada?”.

Vivi intensamente aqueles quatro meses de permanência no Brasil, pois ele se encontrava lá e me fez descobrir uma vocação que era igual a dele.

O dia seguinte da nossa chegada a Poxoreu, as mulheres do grupo começaram a trabalhar. Papai se aproxima e quer ajudar. Limpa, varre e passará todas as manhãs seguintes limpando e descascando batatas. Uma tarefa que será sempre dele será fazer compras: eu o revejo pela manhã cedo sair com a panela embaixo do braço para ir ao lugarejo para procurar o alimento que as cozinheiras queriam. Com seu pobre português “tem?” que ele tanto gosta.

Toda hora é boa para encontrar os jovens. Depois da janta ele está na pracinha para organizar os jogos. Não hesita em parar os meninos pela rua, a encontrar-se com eles nos campos de futebol improvisados, e a todos fazer o mesmo convite, de se encontrar no centro juvenil. E o número de meninos que aparecem torna-se considerável; papai os faz brincar, cantar, rezar. Inventava competições que envolvem adultos e crianças numa contínua aposta de bondade: quer educar para o amor ao Senhor e para a atenção ao próximo.

Até o final da minha permanência no Brasil papai conseguiu reunir para um dia de alegria, oração, jogos e conhecimento recíproco os meninos da “cidade” de Poxoreu com aqueles do campo, que vivem em volta da vila de Paraíso do Leste. Um grande dia. Aproxima-se finalmente o momento da partida, da separação. Papai e mamãe nos acompanham até a vila indígena de São Marcos. Eu sinto um grande vazio, mas papai mesmo com meninos xavantes joga, brinca e se comunica. Ficaram fotos daqueles dias: papai no meio das crianças, com seu sorriso bondoso, a mão na cabeça de um pequeno índio, aquele gesto típico de um pai. Despedimo-nos e no dia seguinte à noite há algo que está terminando, mas a ilusão é que seja somente um até logo... Depois o jipe se afasta, levando de volta para Poxoreu papai, mamãe, com Pier e Laura. Mas papai não renuncia aos gritos, a jogar para fora um pouco de bom humor, de serenidade. As últimas palavras que ouvi dele foram os gritos de um “ban” que frequentemente entoava com seus jovens: “Alé, alé, alé!”

Quantas vezes vieram na minha cabeça o teu “alé” nos momentos que seguiram a notícia de que ele não estava mais ali: “Alé. Força, pra frente! Precisamos continuar!” É o que você nos ensinou.

DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO: DA CASA DE VALDOCCO ÀS NOSSAS CASAS...

PIERA RUFFINATTO

PREMISSA

O VII Congresso Internacional de Maria Auxiliadora acontece no cenário histórico do Bicentenário do nascimento de Dom Bosco. Os organizadores do evento, com feliz intuição, colocaram no meio da atenção a *família*. Esta, de fato, é o lugar natural no qual a vida é esperada, concebida e dada à luz. A família é o grande SIM da vida!

Duzentos anos atrás, numa casa de colonos dos Becchi, uma pequena e insignificante localidade de Castelnuovo d’Asti, nasceu pobre, João Bosco acolhido com amor por Mamã Margarida e pelo pai Francisco. A experiência familiar vivida por João, todavia entristecida pela precoce ausência do pai, foi a pedra marcante sobre a qual ele construiu o edifício de sua vida pessoal que se tornou o paradigma do estilo educativo de suas obras que ele denominou “casas”, e não, institutos ou internatos. Nas mesmas, de fato, respirava-se o “espírito de família”, isto é, um estilo re relações caracterizadas pela acolhida, respeito, confiança, intimidade, cuidados, acompanhamento e suporte, amor gratuito, perdão dado e recebido.

Neste breve relato queremos entrar na casa de Dom Bosco e deixar que ele mesmo nos conte algo deste espírito, assim como ele o via e as fontes o transmitem, para sentir o fascínio vivo e deixar que este exemplo toque, como um carvão ardente, os nossos corações e os acenda de renovada paixão pela nossa vocação educativa.

Os desafios aos quais as famílias de hoje devem responder são diferentes daqueles encontrados pelas famílias do século XIX. Oprimidos pela miséria e abandonados a si próprios por um Estado que ainda não existia, e todavia são aguçados pelo mesmo chamado, pelo mesmo dever e responsabilidade: acolher a vida e educá-la no aqui e agora do próprio tempo.

À ESCOLA DA MAMÃE MARGARIDA, MESTRA DO SISTEMA PREVENTIVO

Os objetivos do Congresso prognosticam a releitura do trinômio *razão, religião, amorevolezza* no âmbito familiar. De fato, como o próprio Dom Bosco disse, ele aprendeu de forma preventiva no colo da mãe. Desta forma, à pergunta persistente sobre o segredo de seu método, o santo turinense respondia: “Me perguntam a respeito do meu método! Mas nem eu mesmo o sei! Eu crio as crianças como minha mãe me criou!”.¹ Seria fácil deixar-se enganar diante desta afirmação se não conhecêssemos a figura e a ação desta mãe, excelente educadora à qual todos nós – de uma forma ou de outra – somos devedores.

Margarida: a mãe

Margarida antes de tudo, foi para seus filhos uma verdadeira mãe. Paradoxalmente pode-se dizer que nela a vocação da maternidade superou conscientemente àquela nupcial. A escolha de contrair matrimônio com Francesco, de fato, incluía o acolhimento de Antonio como filho adotivo. Com esta criança marcada em seu caráter pela precoce falta da mãe natural, ela se empenhou em ser uma “segunda mãe”, enchendo-o de carinho materno e aceitando pacientemente e sabiamente as inevitáveis dificuldades relacionadas ao fato que ocorreram, nunca discriminando, mas pelo contrário, procurando dentro da possibilidade, intermediar em favor do filho, que dependendo dos momentos tinha maior necessidade.

Após ter ficado viúva com a idade de 29 anos, Margarida unificou toda a sua existência com a consciência de seu papel materno que a seguir a esperava. Quanto à proposta dos parentes, de casar-se novamente, não hesitou em justificar desta forma a sua recusa: “Deus me deu um marido e o retirou de mim; morrendo ele me entregou três filhos e eu seria uma mãe cruel, se os abandonasse na hora em eles mais precisam de mim” e quando lhe respondiam que as crianças seriam

entregues a um bom tutor, que tomaria bem, conta delas, rebatia: “O tutor é um amigo, eu sou a mãe dos meus filhos; jamais os abandonarei, mesmo que me dessem todo o ouro do mundo”.²

A sua era uma maternidade livre das deformações e degenerações do maternalismo. Nas *Memórias Biográficas* assim a descreve Lemoyne: “Margarida nunca perdeu a posição importante como mãe, para carinhos irrefletidos, ou para se compadecer ou tolerar aquilo que demonstrava ser um defeito: ela nunca usou modos rudes ou maneiras violentas, que os irritassem ou fossem a causa de um resfriamento em sua filial afeição”.³ Na verdade, conta Dom Bosco, entre ele e a mãe estabeleceu-se uma relação intensa e profunda, caracterizada pela confiança e confidência: “Minha mãe gostava muito de mim; eu tinha plena confiança nela e sem seu consentimento nunca teria movido um pé. Ela sabia de tudo, observava tudo e me deixava agir. Aliás, se precisasse ela me socorria com muito prazer”.⁴

Margarida, foi realmente uma mãe, mas também mestra de um método que muitas mães contemporâneas suas, aplicavam. Uma prática educativa que surgia da sabedoria camponesa feita de fé autêntica, espírito de sacrifício, bom senso e verdadeira dedicação. Além disso, o que hoje nós denominamos “preventivo” é um sistema que se baseia no Evangelho e se inspira no comportamento do Filho de Deus: suave e doce e ao mesmo tempo firme e exigente, capaz de unir a verdade com a caridade, a justiça com o amor. É o método de quem sabe imitar a Providência de Deus, que se levanta sempre antes do sol! Isso se inspira também e sobretudo, como veremos, em Maria Santíssima, e por isso pode-se afirmar que o Sistema preventivo é um método completamente mariano.

Margarida: mestra do Sistema preventivo

Através da ação formadora da mãe, João experimentou em primeira pessoa os benefícios dos efeitos da educação preventiva; difícil arte que harmoniza seriedade e doçura, amor e temor, firmeza ao exigir e respeito dos tempos.

Em sua prática materna Margarida vivia o princípio do **amor retribuído**, base do Sistema preventivo. “Quem sabe que é amado, ama, e quem é amado obtém tudo, principalmente dos jovens”.⁵ E de fato, o amor dado ao filho era por ele retribuído com a confiança, a abertura total do coração. O amor é o meio privilegiado para abrir os corações e provocar o gesto espontâneo da confiança, da confidência e do reconhecimento que cresce em consideração da percepção da bondade da própria existência, do próprio existir e da própria amabilidade e amadurece em capacidade de reconhecer no outro a mesma bondade existencial.

No seu estilo fundia-se a autoridade, força da **razão** e do **coração** que gera correspondência, confiança e entrega de si. De fato, somente através da autoridade de fato, desencadeia-se a reciprocidade da relação educativa que se exprime com a correspondência sincera e leal da obra educativa. Os filhos não somente *são amados*, mas *sabem* que são amados, e, esta consciência gera uma resposta de reconhecimento e de empenho.

Assim João, ainda menino, era responsabilizado por Mamã Margarida por alguns negócios da família, e, nos limites de suas possibilidades, contribuía com pequenos afazeres, como por exemplo, desfiar as fibras de cânhamo para fazer canastras e cestinhos. Enquanto isso ele observava a mãe e através de suas atitudes, aprendia a ser generoso e solidário com todos, mas principalmente com os mais pobres. A João não escapavam os gestos humildes e da especial caridade da mãe, que apesar de pobre, guardava sempre um prato de sopa para quem fosse mais desafortunado; e vendo ainda que a hospitalidade da mãe não era condicionada aos méritos do visitante acolhido em casa, aprendia que a caridade deve sempre superar a justiça humana, sendo somente Deus o verdadeiro juiz de todos.⁶

O exemplo de Margarida foi portanto a escola que contribuiu para cultivar em João um coração sensível e generoso, atento aos outros antes que a si próprio, pronto a dividir com todos aquele pouco que possuía. De fato, mesmo pobre, ele encontrava uma forma de doar o seu pão branco trocando-o com aquele preto do amigo;⁷ apesar de tentar obter economias para poder estudar, renunciou sem pensar ao dinheiro deixado a ele por Pe. Giovanni Calosso, entregando-o nas mãos dos legítimos herdeiros;⁸ por fim, apesar das grandes dificuldades como estudante em Chieri, renunciou a deixar na miséria o saltimbanco depois de tê-lo vencido no desafio.⁹ João tinha aprendido que na mesma medida com que se recebe, é necessário restituir, esta é a melhor maneira de demonstrar o reconhecimento ao doador, o qual em última instância é Deus do qual procede todo dom.

Por fim Margarida foi mestra de **oração** e catequista dos filhos. A sua forte fé era fundamentada na certeza de que Deus é o princípio e o fim de todas as coisas, o Criador que imprimiu no mundo um raio de sua beleza e de sua bondade e que por isso merece ser honrado e agradecido. Os estupendos cenários naturais nos quais a família dos Becchi estava inserida tornaram-se um de seus principais mediadores catequéticos:

“Com os espetáculos da natureza renovava continuamente a memória de seu Criador. Numa bela noite estrelada saindo fora, mostrava a eles o céu e dizia : “Foi Deus que criou o mundo e colocou tantas estrelas lá em cima. Se o firmamento é tão belo, o que não deve ser o paraíso?” No início de uma bela estação, diante de um campo ou um prado todo repleto de flores, ao despontar de um amanhecer sereno, ou no espetáculo de um raro por do sol, exclamava: “Quantas coisas belas o Senhor fez para nós”.¹⁰

A natureza, através da sábia mediação da mãe, revelava em João a sua identidade profunda de dom saído gratuitamente das mãos de Deus para a alegria de seus filhos, tornando assim, o primeiro caminho de educação à gratidão. Daqui a percepção de ser criatura amada por Deus, sobre as quais Ele faz chover tantos dons, e a descoberta de sua paternidade criadora que faz da pessoa humana, vértice da criação, o seu interlocutor privilegiado, filho amado e bendito.

Em Margarida estava presente uma arte mistagógica, ou seja, a capacidade de introduzir os filhos na relação certa com Deus, percebido como o Criador que dá vida a tudo aquilo que existe, o Pai providente, o Deus fiel e bondoso, Aquele que deixou o traço de si no mundo e espera a resposta do reconhecimento de suas criaturas. Os seus breves chamados tornavam-se sempre eficazes e ajudavam os filhos a tomarem consciência da presença e Deus: “Quanta gratidão devemos ao Senhor que nos provê de todo o necessário!! Deus é realmente Pai!”.¹¹

Ao mesmo tempo a sua leitura desta realidade era concreta e sábia. Margarida não idealizava nem escondia o limite e a dor, mas oferecia aos filhos a possibilidade de transformá-los dando um sentido mais amplo. De tal modo mesmo que humanamente incompreensível – como a morte do marido ou o granizo no vinhedo – tornava motivo de confiança e abandono, ou seja, de agradecimento: “Quando o estrago de um granizo levava embora as colheitas, ia com os filhos para observar os estragos e dizia: “O Senhor havia nos dado, o Senhor nos tirou. Ele é o dono de tudo. Tudo pelo melhor”.¹²

Os resultados desta educação não se fizeram por esperar e João, narra o biógrafo: “aprendeu a ficar sempre na presença de Deus e a receber tudo de bom ou ruim como proveniente da mão de Deus; e falando sempre de sua mãe, ele sempre demonstrou reconhecimento pela excelente educação cristã recebida por ela e pelos grandes sacrifícios que ela fez por ele”.¹³ Desta forma João aprendeu também a enfrentar a realidade com otimismo e esperança, sem se deixar desencorajar pelas dificuldades, aliás, encontrando nelas, preciosas oportunidades de crescimento. Em cada acontecimento, como em cada pessoa, de fato, sempre há algo bom. Esta convicção sustentará Dom Bosco na sua obra educativa tornando-se um tipo de axioma do Sistema preventivo assim expresso pelo santo: “Em cada jovem, até mesmo no mais desafortunado, há um ponto acessível ao bem. O primeiro dever do educador é encontrar este ponto e saber aproveitá-lo”.¹⁴

DA EXPERIÊNCIA DA FILIALIDADE À PATERNIDADE/MATERNIDADE EDUCATIVA

A experiência da filialidade

Toda relação, mas principalmente aquela que nos liga aos nossos pais, requer reciprocidade. A atitude da filiação, de fato, é aquela que mais do que qualquer outra caracteriza a nossa condição humana. Todos de fato somos filhos enquanto nem todos, ou pelo menos nem todos da mesma forma, temos a experiência da paternidade/maternidade. Assim foi para Dom Bosco, que na escola de Margarida aprendeu a atitude da filialidade em seus confrontos, mas também nos confrontos de Deus e de Maria Santíssima, dos quais ele sempre se sentiu filho amado e predileto.

Sentir-se filho de Maria, significou para João Bosco ter a experiência de uma profundíssima e total confiança nela. Também neste caso o exemplo de Margarida foi o *húmus* no qual brotou a sua atitude filial diante da Mãe de Deus e de todos os cristãos. No âmbito de uma religiosidade popular, simples e afetuosa, mas sóbria e essencial, Margarida, de fato introduziu João à devoção mariana característica de seu tempo: os tríduos, as novenas, as orações cotidianas do Angelus e do Terço, as festividades marianas. Daqui ele aprendeu o amor suave e espontâneo diante dessa Mãe, consoladora e apoio do povo cristão. Narra Dom Bosco: “Assim que me tornei capaz de me juntar aos meus irmãos, nos fazia ajoelhar pela manhã e à noite e todos juntos recitávamos as orações em comum com o Terço”.¹⁵

Aproximando-se o seu ingresso no Seminário, a mãe dirigiu-se ao filho com estas palavras:

“Quando você veio ao mundo lhe consagrei à Bem Aventurada Virgem Maria; quando você iniciou os seus estudos lhe recomendei a devoção a esta nossa Mãe; agora lhe recomendo ser todo seu: ame os companheiros devotos de Maria e se tornar sacerdote, recomende e propague sempre a devoção a Maria”.¹⁶

Na verdade, a presença de Maria na vida de João fez-se evidente de muitas maneiras, também através dos sonhos nos quais ela sempre retornava, a partir daquele primeiro sonho dos nove anos, chave interpretativa da sua vocação e da sua missão. Dom Bosco, portanto, sempre considerou Maria como mãe, recorrendo a ela com confiança em toda dificuldade, e recebendo ajuda, conforto e proteção. E ele quis que também seus jovens e seus educadores vivessem esta experiência. Na conclusão da carta à comunidade salesiana de Valdocco de 1884, o interlocutor de Dom Bosco - Giuseppe Buzzetti - comenta as suas longas instruções, com estas palavras: “Enuncie a todos, grandes e pequenos, para que se lembrem que são filhos de Maria SS. Auxiliadora”.¹⁷

Ser filhos de Maria tinha que ser antes de tudo e para todos: – jovens e adultos – a experiência vital de se encontrar sob o seu manto, defendidos do mal e do pecado, e ajudados em toda circunstância material ou espiritual. Maria, no oratório, era e sempre foi a Mãe que ajuda, que encoraja, que intercede e que acompanha no caminho da vida.

Afirma Dom Bosco: “Nas minhas condições, sem condições, sem pessoal, teria sido impossível trabalhar em prol da juventude, se Maria Auxiliadora não tivesse vindo em socorro com luzes especiais e com grandes ajudas, não apenas materiais, mas também espirituais”.¹⁸ Toda a história da Congregação, segundo ele, é uma prova indiscutível da presença e da ajuda de Maria, a qual “quer que coloquemos nela toda a nossa confiança”.¹⁹

A experiência da filialidade mariana é portanto para cada membro da Família salesiana o pressuposto necessário para assumir e viver o estilo de paternidade / maternidade educativa do Sistema preventivo. O ato educativo – que é sempre gerador – não pode de fato desabrochar no educador se antes ele não tiver feito a experiência profunda de se sentir filho/a de Maria, assim como não é um bom pai ou uma boa mãe aquele/aquela que não fez uma experiência de filiação natural. Portanto ao “sentirem-se filhos” de Maria desencadeia para todos, educadores e educandos, a própria identidade constitutiva: filhos de Deus e filhos de Maria, a mãe de todos os cristãos.

Da filialidade à paternidade/maternidade

Todos os educadores – com diversas modalidades segundo as específicas vocações – são chamados a gerar, cuidar, promover e fazer crescer a vida dos jovens. O ato educativo, de fato, tem necessidade de uma função paterna e materna, de uma boa relação através da qual a pessoa possa ser despertada à consciência de si mesmo, possa ser “gerada à altura de sua humanidade”.²⁰

Paramos aqui brevemente para descrever com simples pinceladas as características da paternidade de Dom Bosco e da maternidade de Madre Mazzarello. Eles, de fato, encarnaram de modo exemplar o modelo salesiano, no qual todos nós podemos nos inspirar na nossa missão educativa.

Dom Bosco fez da paternidade uma experiência profundíssima, inspirado na paternidade do Pai celestial do qual revelava, de modo tangível aos jovens, a ternura sem limites. A paternidade de Dom Bosco, portanto, foi uma paternidade tão assimilada que transformou intimamente, não apenas o seu coração, mas também o seu aspecto exterior, os gestos e os olhares, o modo de pensar e de projetar. Quantos jovens, afirmam as *Memórias Biográficas*, “conheceram o significado do amor de pai só quando se encontraram com Dom Bosco! [...] Mesmo sendo, grande parte deles, pobres órfãos, parecia-lhes se encontrarem na alegria da família”.²¹

A sua paternidade é feita de bondade, ternura e acolhimento, é compreensiva, mas ao mesmo tempo “capaz de esclarecer, propor e exigir aquilo que durará por muito tempo. Não é somente o óleo que aplaca momentaneamente, mas a energia que orienta em direção aos aspectos mais árduos da existência, doce e autoritária ao mesmo tempo, não só perdoa mas conduz ao esforço [...] uma paternidade que se dirige a todos os jovens, que assume o cuidado de toda a sua vida, mas é sobretudo uma paternidade espiritual, isto é, que gera o conhecimento de Deus através da palavra e do gesto, e da graça através da proposta de conversão”.²²

Era uma paternidade que tinha o olhar longo e largo porque via o indivíduo, mas não perdia de vista o conjunto, e, portanto, era “capaz de dar paz e felicidade ao conjunto valorizando cada um de seus componentes abrindo amplos espaços à espontaneidade, provocando esperas, inspirando ideais, lançando programas arrojados, fechando um olho, esquecendo mal criações, estimulando, sempre com um sorriso, um palavra e um gesto”.²³

A mesma experiência - vivida no âmbito feminino – faziam as primeiras Filhas de Maria Auxiliadora e as jovens do Colégio de Mornese com Maria Mazzarello. Ela, com a sua maternidade espiritual, exprimia atenção à vida e ao seu crescimento. Ela demonstrava ter compreendido e vivido plenamente o “procure amar” ao que Dom Bosco encorajava Pe. Miguel Rua e todo diretor salesiano.²⁴ De fato, era uma mãe que *amava* e que se tornava *amável*, por isso era também muito *amada* pelas Irmãs e pelas jovens.

Os testemunhos coletados por Ferdinando Maccono confirmam que Maria D. “não se limitava na aparência das moças, à beleza do visual ou da atitude, ao nascimento ou às ricas vestes, mas penetrava no interior, e em todas, ricas e pobres, via a alma simples e imortal, imagem de Deus redimida pelo precioso sangue de Nosso Senhor”.²⁵ A sua postura diante das Irmãs e das jovens não era de superioridade, nem de domínio, mas “todas podiam se aproximar sempre e livremente e nenhuma ia para a cama com um segredo ou uma amargura no coração”.²⁶

Com tato feminino e intuição materna, sabia lidar com as alegrias e as dores de suas irmãs e das jovens, tanto que tinha para todas o conforto oportuno e a palavra persuasiva e tranquilizadora que era suficiente às vezes para acalmar uma alma.²⁷

Imitando a atitude de Maria Santíssima em Caná. A Madre percebia tudo e para tudo procurava remédio a fim de chegar a cada uma de suas filhas e jovens. Conta uma testemunha:

“Em 1880, minha irmã tinha que receber um prêmio e eu não. Naquele tempo eu tinha uma voz belíssima e junto a academia para a distribuição dos prêmios, na qual estavam presentes os meus pais, muitos senhores, e me parece que até mesmo Dom Bosco; as professoras me fizeram subir no palco e cantar muito. Assim que os cantos terminaram, as minhas colegas desceram; sendo que eu não estava entre as premiadas, recolhi-me envergonhada atrás dos bastidores. Ninguém me notou; mas de repente ouço alguém me chamar pela janela. Me virei: era a Madre que me acenava para aproximar-me junto a ela. Corro e ela me dá um belo livro com capa dourada dizendo-me que era o meu prêmio. O que aconteceu? A Madre, que sempre observava tudo, tinha percebido a minha necessidade; rapidamente ela saiu para pegar um livro e o trouxe para mim, pois sendo que eu tinha cantado tanto, eu pudesse encontrar os meus pais com o prêmio, como tinha feito minha irmã”.²⁸

Assim, unindo à força do caráter, a doçura da caridade, se tornava *amável* tornando-se fiadora do espírito do Fundador, vigiando para que a convivência não se revestisse em nada rígido, ou pior, em nada rude ou áspero, mas fosse plena de doçura, de amabilidade, de alegria e de contentamento.²⁹ Um amor assim concreto e pessoal era compreendido pelas Irmãs e pelas jovens, as quais correspondiam plenamente: “Relembro ainda os gritos de alegria quando a assistente nos anunciava que a Madre viria participar conosco do recreio: era um corre corre e brigas para ficar junto a ela. Nem só brigavam para ficar junto a ela, mas a levantávamos em triunfo e ela nos permitia, a fim de ver contentes as suas filhas”.³⁰

DE VALDOCCO ÀS NOSSAS CASAS

Depois de termos ficado brevemente entre as paredes das casas dos Becchi, de Valdocco e di Mornese e termos ouvido os testemunhos daqueles que nelas viveram relações filiais, paternas e maternas sob o olhar de Deus e de Maria, deslocamos a nossa atenção para o hoje, para as nossas casas.

A casa possui uma multiplicidade de significados estreitamente ligados àquilo que nos distingue das outras criaturas vivas e nos caracteriza como pessoas. De fato, desde o início de sua vida terrena, o homem preocupa-se em construir uma habitação onde possa fazer a vida desabrochar, cuidar dela e fazê-la crescer. A casa, portanto, mais do que qualquer outra realidade, nos reconduz às nossas origens e aos laços fundamentais da vida. Em casa aprendemos *quem somos e para onde vamos*, porque alguém, num gesto de amor, quis que nós existíssemos. Em casa descobrimos a nossa identidade de filhos e filhas, pois recebemos a vida de um pai e uma mãe que nos geraram. Esta é a primeira academia de relações humanas, um microcosmo que nos habilita para as futuras e mais amplas relações sociais.

O paradigma, todavia, poderia também acelerar as armadilhas. Alguns sociólogos evidenciam o risco de contrapor a “quente” comunidade local à “fria” sociedade, ou, a nível psicológico, há o perigo de pensar na comunidade como um lugar de relações afetivas que promovem bem estar e saúde psicossocial, mas não além disso, em direção a um *I care* que se substancia no interesse pelos outros.³¹

O risco não é hipotético; apesar disso são muito mais numerosas as razões que confirmam a necessidade dos seres humanos viverem relações organizadas dentro de contextos comunitários favoráveis que funcionam como mediadores culturais, pontes que colocam em contato com o mundo. A comunidade doméstica: família ou comunidade local.

Sobre isto confirma-nos também, a respeitável palavra do Santo Padre, o qual, se por um lado não cessa de incitar as comunidades e as famílias a saírem de si próprias para alcançarem as “periferias existenciais” onde vivem os pobres, por outro lado defende o valor pedagógico na ordem da experiência de fé. Em uma entrevista dada no ano passado a Eugenio Scalfari, fundador do jornal *A Repubblica*, relata:

“A fé para mim nasceu do encontro com Jesus. Um encontro pessoal, que tocou o meu coração e concedeu um novo sentido à minha existência. Mas ao mesmo tempo um encontro que se tornou possível a partir da comunidade de fé na qual vivi e graças à qual encontrei o acesso ao conhecimento das Sagradas Escrituras, à nova vida que como água jorra de Jesus pelos Sacramentos, à fraternidade com todos e ao serviço dos pobres, imagem verdadeira do Senhor. Sem a Igreja eu não teria podido encontrar Jesus, apesar de saber que aquele imenso dom que é a fé, está guardado nos frágeis vasos de argila da nossa humanidade.”³²

A *casa*, portanto, não é mais só um lugar onde se gera a vida e a promove, mas também e sobretudo a primeira célula da igreja que acolhe a presença de Deus e a faz resplandecer através do amor conjugal, fraterno e filial.

O “espírito de Valdocco”, como também o “espírito de Mornese” são para nós hoje um convite incessante para verificarmos o nosso estilo de vida pessoal e o de nossas famílias e comunidades.

É um convite para redescobrir o estilo de vida sóbria da casa dos Becchi, pobre de coisas mas rica de amor, realidade que tem mais valor que os bens materiais; convite a reavaliar e viver virtudes como a honestidade, o trabalho, a dedicação, o espírito de sacrifício, a hospitalidade, a tolerância, a solidariedade, valores indispensáveis para reconstruir o frágil tecido moral da nossa sociedade. Significa também, se empenhar em fazer de cada família e comunidade, uma igreja doméstica, onde os pais redescubram seu papel de primeiros mestres da fé e catequistas dos próprios filhos, ensinem-lhes a rezar, rezando junto.

É um chamado para fazermos a experiência de sentirmos que Maria é Aquela que tudo faz *em nós e para nós*, e, portanto, sentirmo-nos seus filhos verdadeiros. Ter plena familiaridade com ela, a “pastora” do sonho que indicou a João o “campo” onde trabalhar, e depois se colocou na direção de seus jovens para conduzi-los à meta.

A ela confiar os nossos jovens e nela confiar para que os ajude a crescer sãos e santos. Fazer a experiência da filialidade mariana permite às nossas comunidades familiares e educacionais crescer na experiência da paternidade/maternidade no estilo racional e amoroso do Sistema preventivo.

Gostaria de concluir com a síntese metodológica de Pietro Gianola que traduzia o trinômio em três instruções: **querer-se bem, querer o bem e querê-lo bem.**

QUERER-SE BEM

Querer-se bem na lógica do Sistema preventivo significa saber demonstrar o amor, porque se o amor é autêntico, é concreto e visível. Como afirma Papa Francisco, querer-se bem começa utilizando com mais frequência, na família bem como na comunidade, as expressões como: *por favor, desculpe, obrigada*. Significa saber renunciar àquilo que gostamos para fazer aquilo que o outro gosta, desligar a televisão para ter tempo de vivermos juntos o nosso dia, dar atenção às nossas crianças demonstrando sincero interesse por seus relatos infantis. Querer-se bem é dar-se reciprocamente ouvido e atenção, confiança e amor, redescobrimo a teologia dos gestos: porque como garante Made Yvonne, “o espírito de família se alimenta de pequenas coisas – palavras de bondade, confiança, encontros casuais e formais, simplicidade nas relações, uma palavrinha ao ouvido – e de grandes idéias: a presença de Jesus que dá sentido ao nosso pensar e agir”.³³

QUERER O BEM

O bem objetivo é o bem por si só em primeiro lugar, mais do que o bem para mim. Só um amor tomado por este bem faz crescer, pois sabe indicar a meta sabendo que para alcançá-la necessitará esforço, sabe desencadear recursos

e energias para conquistar grandes metas e não cede por complacência ou comodidade, encontra a coragem de corrigir e colocar limites, sabe humildemente colocar-se a caminho sem nunca sentir que já atingiu a meta. Querer bem, de fato, é andar junto em direção a Deus, Bem supremo e eterna felicidade.

QUERÊ-LO BEM

O amor renova todas as coisas e todo gesto impregnado de amor se colore de beleza e se torna atraente. O bem feito bem: cuidadosamente, generosamente, fielmente constrói as famílias e as comunidades tornando estáveis as suas bases. Fazer a experiência de receber um bem “feito” bem torna as nossas crianças *resilientes* e fortes, flexíveis e criativas, coloca as bases para a construção de personalidades sólidas, de bons cristãos e honestos cidadãos de amanhã.

Somos gratos a Dom Bosco, cuja experiência, neste bicentenário de seu nascimento, mantém uma extraordinária atualidade. O seu espírito, de fato, é sempre jovem e a sua mensagem sempre nova. A nós a tarefa de sermos humildes, mas corajosos e autênticos mediadores.

¹ Ceria Eugenio, *Memorie Biografiche di don Giovanni Bosco* vol. XVIII, Torino, SEI 1937, 127 (d’ora in poi MB).

² Bosco Giovanni, *Memorie dell’Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855*, in Istituto Storico Salesiano, *Fonti Salesiane* 1. *Don Bosco e la sua opera. Raccolta antologica*, Roma, LAS 2014, 1175 (d’ora in poi MO).

³ MB I 42.

⁴ MO 1180.

⁵ Bosco Giovanni, *Lettera alla comunità salesiana dell’Oratorio di Torino-Valdocco*, Roma, 10 maggio 1884, in Braido Pietro (a cura di), *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze*, Roma, LAS 1992, 385.

⁶ Cf MB I 149-158.

⁷ Cf *ivi* 89.

⁸ Cf MO 1186.

⁹ Cf *ivi* 1208.

¹⁰ Lemoyne Giovanni Battista, *Scene morali e di famiglia esposte nella vita di Margherita Bosco. Racconto ameno ed edificante*, Torino, Libreria Editrice Internazionale 1886, 28-30.

¹¹ MB I 46

¹² *L. cit.*

¹³ *L. cit.*

¹⁴ MB V 367.

¹⁵ MO 1175.

¹⁶ MB V 103-104.

¹⁷ Bosco, *Lettera alla comunità salesiana dell’Oratorio di Torino-Valdocco*, Roma, 10 maggio 1884, in Braido (a cura di), *Don Bosco educatore* 388.

¹⁸ MB XI 257.

¹⁹ MB III 32.

²⁰ Comitato per il Progetto Culturale della Conferenza Episcopale Italiana, *La sfida educativa. Rapporto-proposta sull’educazione*, Roma-Bari, Laterza 2009, 11.

²¹ MB III 361.

²² Vecchi Juan, *Volgiamoci a Lui con amore di figli, per essere con i giovani costruttori di fraterna solidarietà. Strenna per il 1999, in L’esperienza di Dio Padre nella spiritualità salesiana*. Giornate di spiritualità per la Famiglia Salesiana, Barcelona – Martí-Codolar 15-17 gennaio 1999, 30.

²³ *Ivi* 29.

²⁴ Bosco Giovanni, *Ricordi confidenziali ai Direttori (1863/1886)*, in Braido (a cura di), *Don Bosco educatore* 179.

²⁵ Ferdinando, *Santa Maria Domenica Mazzarello. Confondatrice e prima Superiora generale delle Figlie di Maria Ausiliatrice* II, Torino, Istituto FMA 1960, 102.

²⁶ Cf *ivi* I 289.

²⁷ Cf *ivi* 362.

²⁸ Cf *ivi* 362.

²⁹ Cf *ivi* I 289.

³⁰ *Ivi* 109.

³¹ Cf mariani Anna Marina, *Scuola comunità di pensiero e di apprendimento*, in *Promuovere la persona per rigenerare la scuola. Comunità – Merito – Equità. Il contributo dei cattolici*. Convegno nazionale di pastorale della scuola, Roma, Salesianum 11-14 febbraio 2009, *Notiziario dell’Ufficio Nazionale per l’Educazione, la Scuola e l’Università* 34(2009)3, 41-63.

³² Intervista di Eugenio Scalfari a Papa Francesco, in http://www.repubblica.it/cultura/2013/10/01/news/papa_francesco_a_scalfari_cos_cambier_la_chiesa-67630792.

³³ Reungoat Yvonne, *Il tesoro prezioso* Lettera Circolare n° 928

BOA NOITE DA MADRE

IRMÃ YVONNE REUNGOAT FMA

Boa noite! Estou muito contente de partilhar com vocês este momento de família, em uma data tão próxima da celebração do bicentenário do nascimento de Dom Bosco, e também do bicentenário da instituição da Festa de Maria Auxiliadora por Papa Pio VII. Uma data certamente cara a todos e todas da Família Salesiana, mas particularmente a nós e a vocês, que no nome trazem a lembrança de Maria Auxiliadora.

Estarmos juntos aqui, em Turim, constitui uma experiência carismática profunda que se estende a todo o mundo.

Não foi por acaso que de quatro fundações de Dom Bosco: Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Salesianos Cooperadores e Associação de Maria Auxiliadora, duas foram colocadas diretamente sob sua proteção e têm a missão de fazê-la conhecida e amada. Vocês sabem bem que ele fundou o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora como monumento vivo de seu reconhecimento à Nossa Senhora. Não um monumento de pedras, mas de pessoas que se empenham em transformar a própria vida em expressão de graças à Mãe, sempre presente e operante na Igreja e na Família Salesiana, graças àquela que "tudo fez" e tudo continua fazendo. Todas as Filhas de Maria Auxiliadora sentem-se bem próximas à Associação de Maria Auxiliadora pela mesma dimensão mariana da espiritualidade.

O VII Congresso Internacional de Maria Auxiliadora tem como tema "Hic domus mea, inde gloria mea - da casa de Maria às nossas casas" e põe no centro da reflexão, a família, a família natural, a família dos filhos de Deus e a Família Salesiana: realidades diferentes, mas não estranhas umas às outras. É uma escolha muito significativa, neste tempo de celebração do Sínodo sobre a família, extraordinário, primeiro, e do ordinário, depois, no próximo outono.

E é significativo que hoje, os trabalhos tenham sido sobre a reflexão da previsão de Maria a Dom Bosco, ao mostrar-lhe a futura Basílica e oratório de Valdocco: tudo começou aqui! Mas daqui devemos todos atingir a força, o entusiasmo, o compromisso para que tudo continue. Não basta ter consagrado à Auxiliadora, este esplêndido templo, devemos todos e todas sermos presença "auxiliadora", sobretudo entre os jovens: é esta a missão da Família Salesiana, o sentido de se "estar" e crescer na Igreja em toda parte do mundo.

É verdade que, como recorda o documento dos Bispos italianos *Educar à vida boa do Evangelho*, citando várias vezes a carta de Bento XVI à cidade e à diocese de Roma, sobre a educação, hoje "Aqueles que aceitam o desafio da educação, podem, às vezes, sentirem-se desorientados. De fato, vivemos em um contexto problemático, que faz duvidar do valor da pessoa humana, do próprio significado da verdade e do bem, em síntese, da bondade da vida. Então, torna-se difícil transmitir de uma geração a outra algo de válido e de certo, regras de comportamento, objetivos credíveis com base nos quais construir a própria vida. Todas estas dificuldades, de fato, não são insuperáveis. São antes, por assim dizer, a outra face da moeda daquele dom grande e precioso que é a nossa liberdade, com a responsabilidade que justamente a acompanha".

Parece-me que neste contexto, a nossa reflexão de hoje, sobre a importância das relações entre as gerações, na família, e também na sociedade e na história tenha sido muito apropriada e responda ao apelo que também Dom Bosco o faz, para que os jovens encontrem quem saiba acompanhá-los na descoberta do sentido de viver, de ter compromissos, de se doar, na apropriação da fé, na escolha de estar, na Igreja, a serviço dos irmãos e irmãs.

Maria, que é justamente a mulher colocada para unir as gerações na história da salvação, pode nos ajudar a encontrar os caminhos que cheguem no coração de quem enfrenta o mundo de hoje. Ela é a Filha de Sião, e ao mesmo tempo a Mãe de Cristo e da Igreja, pertence, portanto, ao mundo do Antigo e do Novo Testamento, que fazem síntese em sua pessoa. É a educadora de Jesus, em seu crescimento humano, em seu ser inserido nas tradições do povo da Aliança e é educada por Ele, a se tornar a sua discípula, Mãe dos membros da nova Aliança firmada no Sangue de seu Filho.

Se meditarmos um momento no canto do *Magnificat*, do qual se trata o versículo que foi usado como "palavra guia" dos trabalhos do Congresso, vemos que ele está ligado a citações bíblicas. O canto de Maria está em perfeita harmonia com toda a tradição de hinos e salmos que o seu povo elevava ao Senhor em tantos séculos de sua história. Ao mesmo tempo,

porém, está aberto à Encarnação do Filho, que estava se formando nela: Aquele que está operando este prodígio único e inédito é o próprio Deus que guiara toda a história com amor.

É este o motivo pelo qual o *Magnificat* se revela um contexto do passado, presente e futuro, verdadeiramente único, e, convida à contemplação atônita e apaixonada.

Disse Irmã Maria Ko Ha Fong em uma meditação sua sobre este cântico, que, Nossa Senhora, ao exaltar o amor de Deus, que se estende de geração em geração, sente-se também, lei eterna, então é imersa nesta corrente de amor. É um legado entre as gerações: todas as gerações me chamarão Bem Aventurada!

São intuições de fé que têm atravessado toda a história do cristianismo, limito-me a recordar, pela grandeza da expressão, o grande poeta italiano Dante Alighieri, que penso, todos conhecem, e que definiu a “Virgem e mãe, filha de teu filho” (*Paraíso* XXXIII, 1-2)!

Maria é constitutivamente colocada para ligar as gerações, para dar continuidade ao projeto de Deus sobre a criação e, em particular, sobre a humanidade, que nela encontrou sua beleza e inocência originais, que nela foi reconduzida ao projeto da criatura.

Neste nosso tempo, tão pobre de ligações com o passado e de capacidade de projetar o futuro, Maria pode, verdadeiramente, ser a mulher que reconstrói os laços, que facilita o encontro com um passado rico de dons e de santidade, que ajuda os jovens a redescobrirem o bem construído antes deles, e descortina os corações para um futuro aberto à esperança, ao Dom, convidando ao empenho para com a realização do projeto de Deus para a humanidade, encorajando a “sonhar”.

Não penso que erro ao dizer que, enquanto membros da Família Salesiana, somos todos e todas, educadores e educadoras e que a presença de Maria pode ser exemplar em nosso fazer-nos “ponte” entre as gerações das origens, as presentes, e as que virão, e somos chamados a dar continuidade, na novidade e na criatividade, à missão que recebemos da Igreja: a evangelização do mundo juvenil, para que não seja uma “periferia” negligenciada, mas possa exprimir o melhor de si a serviço dos contemporâneos e, fazendo-se incentivo a todos os que perderam a esperança e a capacidade de planejar.

É neste sentido, que sob o estímulo do Papa para alargarmos o olhar, queremos colocar o atual sessênio de nosso Instituto, sob o marco de estarmos com alegria e esperança, com os jovens missionários.

Não se pode levar alegria e esperança aos outros, se não se tem no profundo do próprio ser, e são duas realidades que mais uma vez nos reportam aos laços entre o passado, presente e futuro: a alegria brota da experiência do eterno amor de Deus, que por todo o sempre acompanha cada vida, em particular, cada povo, toda a humanidade. E a esperança se abre para o futuro sobre o qual estamos seguros e seguras que este amor de Deus continuará a cada nova geração, porque Deus é fiel.

No encerramento de nosso Capítulo Geral XXIII, no dia 15 de novembro de 2014, convidei as minhas irmãs a levarem “para casa consigo, Maria, com renovado afeto filial e a deixar-nos guiar por sua presença materna”. Dizia: “Cada vez que olhamos para Ela 'tornamos a crer na força revolucionária da ternura e do afeto' (EG n. 288), aquela força que se encontra desde o início em nossa missão de *evangelizar educando*. Prestemos atenção, ouçamos em nossos ambientes, os seus passos rápidos, a sua voz que nos impulsiona a sair, a contar com a nossa vida, que o Senhor Ressuscitou, a fazer perceber o seu amor, às nossas irmãs, aos jovens, a toda gente”.

Gostaria de fazer a vocês o mesmo convite: com Maria entre nós, nada é impossível, a alegria se torna o clima habitual de nossas casas e de nossos dias, as nossas famílias se abrem à esperança e ao acolhimento, ao amor terno e forte, à educação atenta e respeitosa dos “filhos”, para que nenhum, nenhuma, se perca e possa, em primeiro lugar, realizar a plenitude do sonho de Deus para si!

Consagremo-nos a Maria, para que ela nos eduque para sermos aquele vazio que Jesus preenche de luz, de esperança, de caridade operante e audaz, que Ela nos ajude a cantar todos os dias o *Magnificat*, pelas maravilhas que o Senhor faz continuamente em nossas vidas, em nossas famílias e comunidade, na Igreja e no mundo. Maria nos ajude para sermos homens e mulheres de esperança, que irradiem a verdadeira alegria no mundo.

A FAMÍLIA, BERÇO DO AMOR E DA VIDA

PE. ROBERTO CARELLI

O episódio da Apresentação no Templo nos mostrou que a revelação do amor de Deus reúne e valoriza todas as formas do amor familiar: no Templo encontramos *a riqueza dos relacionamentos de gêneros* (há homens e mulheres com suas respectivas tarefas e sensibilidades), *o encanto da geração* (uma criança é reconhecida como dom e propriedade de Deus), *o encontro das gerações* (há uma criança, os jovens pais, os anciões), e também há *Maria*: onde ela se encontra, o enredo familiar da vida humana é definitivamente assumido no eterno jogo do amor de Deus. No ponto de encontro entre o desejo de Deus de habitar entre nós e o nosso desejo de habitar junto a Ele, Maria tem um lugar único, ela que na terra foi morada de Deus e agora mora no céu como Rainha. Como Mãe de Deus e nossa Mãe, Maria nos incentiva a construir as nossas casas perto das casas de Deus, nos atrai para morar junto aos átrios do Senhor e “não entre as tendas dos ímpios”, nos persuade que “um dia em vossos átrios vale mais que milhares fora deles” (Sal 83,11), nos faz compreender que “se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem” (Sal 126,1).

Nesta Segunda Palestra, depois de algumas **premissas**, ilustraremos cinco teses: as duas primeiras, mais elaboradas, sobre a *família*, as outras três, mais sintetizadas, sobre a *dimensão nupcial*, a *função de gerar* e a *tarefa educativa* da família. Tudo numa coesa comparação entre como são vistas, hoje, as relações familiares; como as vemos, nós cristãos; como ressoam no espírito salesiano.

ALGUMAS PREMISSAS

Antes de mais nada, uma Premisa de Estilos. Declaramos já que a nossa conversa sobre a família ocorrerá *longe de qualquer retórica idealizadora e de qualquer denúncia polêmica*. Nada retórica, pois a família é uma realidade da criação, mas sempre necessitada de Redenção, é querida por Deus como realidade de comunhão, mas é, também, palco de dolorosas divisões, e é verdade que a família é a base da sociedade, porém a sociedade não se reduz à família, e se a família é uma pequena Igreja, o é no interior do mistério maior da Igreja. Neste sentido, diz Papa Francisco, “*a família é viva se respira abrindo-se além de si*”. E não à polêmica: a família deve ser defendida, mas a nossa primeira tarefa, a mais eficaz, é o *anúncio humilde e alegre do Evangelho da família*, o lugar onde céu e terra se encontram, onde carne e espírito, ligações de sangue e fé, tornam-se uma coisa só.

Uma segunda Premissa de Caráter Cultural. Digamo-lo claramente: *a crise da família não depende somente de um vazio cultural, mas também de um vazio espiritual*, da falta de fé e de oração, de um testemunho pouco contagioso e corajoso. Todos nós temos responsabilidade. Por um lado, o vazio cultural não pode ser atribuído apenas às ditaduras do racionalismo e do relativismo, mas, também, à fraqueza dos bons ao defenderem os direitos da realidade e da experiência. Por outro lado, junto ao ateísmo prático no qual Deus se torna supérfluo, devemos reconhecer que nem sempre, como crentes, soubemos cultivar uma mentalidade de fé com relação à família, nem promovê-la nas instituições, na economia e na política. Desta forma, se no leste e no sul do mundo o Evangelho da família ainda não chegou ao coração da cultura, nos países ocidentais, depois de séculos de cultura cristã, a fé entrou em uma condição de irrelevância cultural: é difícil para nós, também, só mostrar que o discurso cristão sobre a família não se impõe por razões confessionais, mas por razões de verdade, uma verdade que vem de Deus, e, justamente por isso é destinada a todos, e por todos de certa forma, pode ser reconhecida.

E agora uma Premissa do Tipo Pastoral. Além do fato da família não ser apenas um objeto, mas, também, sujeito da pastoral, dotada de uma responsabilidade insubstituível e de uma original incidência missionária – coisa já repetida outras vezes, mas que deve ser sempre colocada – é importante lembrar que para Dom Bosco *a família não é apenas um objetivo pastoral, mas uma dimensão vital do carisma*: não só a familiaridade é constitutiva do ser humano e do ser Igreja, mas é também parte integrante do vocabulário e do estilo salesiano: “casa” e “família” – relembra o Reitor-Mor na Estréia – sempre aparecem em Dom Bosco para descrever o espírito de Valdocco. O cuidado da família deve ser colocado no centro da ação missionária, porque, conforme afirmou Pe. Sala, a família deve ser considerada “*o lugar originário da pastoral juvenil*”:

o é a princípio, porque a pastoral juvenil recebe os seus sujeitos das idades da vida precedente; o é depois, porque os sujeitos que terminam a passagem da idade jovem geralmente são chamados a viver sua vocação cristã através da criação de sua própria família.

Enfim uma Premissa Devidamente Mariana. Justamente no tema da defesa e promoção da família, **nós da Família Salesiana não ficaremos certamente sem Maria!** Pelo menos pelo motivo, bem evidenciado pelo Papa, que Maria nos é Mãe e que

uma igreja sem Maria é um orfanato... E nós não temos o direito de ter uma psicologia de órfãos!

Ela é presente e operante, e nós não deixaremos de invocá-la e esperar por sua ajuda. Também porque, como dizia Balthasar no tempo do Concílio, ninguém como Maria está ao alcance de vencer uma pastoral abstrata e burocrática, e promover um estilo concreto e familiar:

A igreja não é um aparelho, uma simples instituição. Ela é Mulher. É Mãe. É viva. A compreensão mariana da Igreja é o mais forte e decisivo contraste em relação a um conceito de Igreja puramente organizativo ou burocrático. Nós não podemos fazer a Igreja, nós devemos ser Igreja. É somente sendo marianos que nos tornamos Igreja.

O HOMEM É UM SER FAMILIAR

Hoje a família é atacada, e **um ataque tão radical que configura uma crise antropológica**. O objetivo, declarado por muitos e frequentemente calado, é aquele de destruir a família na sua realidade, nas suas dimensões, até mesmo na sua ideia: por um lado faz-se de tudo para aniquilar a família, por outro lado pretende-se chamar família qualquer relação afetiva. Emblemática a reivindicação do direito ao matrimônio e adoção por casais homossexuais, apesar de serem estruturalmente privados da complementariedade e fecundidade que permitem o esposarem-se, gerarem e educarem. Aqui há declaradamente a assinatura do Maligno, e o Papa o expressou sem meios termos:

Pela família ser o berço do amor e da vida, o inimigo ataca tanto a família: o demônio não a quer! E procura destruí-la, procura agir de tal forma que não haja amor ali.

O resgate e a promoção da família devem portanto considerar que a cultura, a acadêmica e a de massa, considera a família como uma variável cultural, privada de fundamentos naturais e de raízes sobrenaturais, e sempre derruba a experiência familiar qualificando-a e depois desqualificando-a, como “família tradicional”, um modelo entre tantos substancialmente superado e não de acordo com os tempos. Ora, se pelo contrário, há algo que está escrito seja no céu ou na terra, no coração de Deus como no nosso DNA, é que **a identidade do homem se constitui e se desenvolve nas suas relações, a partir das relações familiares**. Entende-se por homem só o indivíduo que vem do amor e tende ao amor. E também a liberdade subentendida como pura autonomia não existe: existe pelo contrário uma liberdade precedida e destinada, cuidada e acompanhada, também condicionada e ferida, mas uma liberdade que se torna livre só nas relações, e não sem, ou ao lado de, ou contra as relações. Em suma, **o homem é um ser familiar**: nós existimos sempre e só como homens e mulheres, esposos e esposas, pais e mães, filhos e filhas, irmãos e irmãs. Realmente não se pode falar de forma sensata do homem sem considerar a experiência do corpo, do tempo, das gerações, das diversas formas de amor. A família não pode ser considerada só como uma premissa necessária para a existência do indivíduo, nem somente como um acréscimo facultativo à sua liberdade: as relações familiares são constitutivas da nossa humanidade, nos acompanham e nos marcam, no bem e no mal, por toda a vida.

Em outras palavras o resgate da família implica no homem, porque, como diz o Papa, **“a família é um fato antropológico”**, não ideológico, um fato original e insubstituível: “a família é família”. De fato é **na família que o homem recebe vida e aprende a viver**. A família é a cena primária do ser humano, é o ponto de ingresso no mundo e na história, e se o estado deve defendê-la, ou do estado deve defender-se, é porque ela, como diz o filósofo frances Hadjadj,

é anterior ao Estado, ao direito e ao mercado. Depende da natureza antes de ser ordenada pela cultura... é o princípio anterior a todo o resto, o fundamento que não pode ser explicado justamente por ser um fundamento.

É então necessário – continua Hadjadj – reivindicar o caráter paradigmático das relações familiares para qualquer outro tipo de relação:

Os laços nupciais e filiais são a referência primária do que se entende por amor, é neles que se realiza o primeiro aprendizado ao amor, é aí que experimentamos suas dimensões constitutivas e as nuances mais delicadas.

E aqui, é longa a relação de bens preciosos que se adquire em família, na sua forma mais simples e incisiva. A família – dizem os padres do Sínodo sobre a família,

é a primeira escola de humanidade, escola de amor, escola de comunhão, treinamento de relacionamentos, lugar privilegiado onde se aprende a construir relações significativas, que ajudam o desenvolvimento da pessoa até a capacidade do dom de si, o lugar insubstituível onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros.

É na família – prossegue Dom Camisasca - que

se aprende e se vive as dimensões fundamentais da vida. Na família aprende-se a abertura aos outros, à nova vida dos filhos, o respeito pelas outras pessoas, sobretudo através do descobrimento que os filhos não nos pertencem e que, definitivamente, nós não pertencemos a nós mesmos.

Ainda, em família aprendemos a articular afeto e respeito, aproximação e distanciamento, comunicação e silêncio, intimidade e abertura, apego e desapego, obediência e liberdade, trabalho e repouso, empenho e espera, bondade e paciência, ternura e perdão. É assim porque a família é um lugar das experiências radicais do nascer e do morrer, do morar e do partir, do cuidar e do ser cuidado por outros, do contato com o limite e a abertura de novas possibilidades. E depois, a família é a primeira célula da sociedade, justamente, diz o papa Francisco é “o motor do mundo e da história”. Mas o primeiro e último motivo que explica a importância da família é que **o próprio Deus tem um formato familiar, e por isso a família tem o formato de Deus**. Como sugeria João Paulo II na *Carta às famílias*,

À luz do Novo Testamento é possível entrever como o modelo originário da família deve ser procurado no próprio Deus, no mistério trino de sua vida. O “Nós” divino constitui o modelo eterno do “nós” humano; daquele “nós” que é formado pelo homem e pela mulher, criados à imagem e semelhança divina.

Por isso é na Igreja, como na família de Deus, que se aprende a viver em família: justamente a familiaridade com Deus faz amadurecer as nossas relações familiares. Ao contrário, longe da casa de Deus, caem as nossas casas e a ordem do amor cede o lugar à desordem e ao desamor. Devido a todos estes motivos podemos fazer nossas as palavras de Dom Sequeri: **é necessário “recomeçar da família para reabrir a civilização**. Se a história não se reabre daí, não se reabre e basta”.

A FAMÍLIA É O CORPO DO AMOR

Hoje a questão da família é a questão do homem, e a questão do homem gira em torno da família. O choque é entre a mentalidade atual, que se inspira **no ideal do indivíduo e do bem estar**, e a mentalidade da fé, que promove o **ideal dos laços do amor e de seus sacrifícios**. O risco é que ainda há famílias, mas os laços familiares são sacrificados sobre o altar do indivíduo, de seus direitos, das suas realizações. E isso às custas do bem comum, da responsabilidade quanto aos vínculos e da disponibilidade aos sacrifícios que estes requerem. O acontecimento moderno da família é de fato a história de uma progressiva “liquidação” das responsabilidades familiares: o casamento civil aliviou o vínculo sacramental, as leis do divórcio atenuaram a dimensão da fidelidade, as práticas contraceptivas afrouxaram a relação íntima entre amor e vida, a legalização do aborto e da eutanásia ameaçam a sacralidade da vida em seu nascer e morrer. A Igreja está bem consciente disto, tanto é que no Sínodo, os cardeais denunciaram com vigor como o individualismo ameaça os afetos, nem tanto negando-os, mas esvaziando-os:

a cultura dos direitos induz à idéia de um sujeito que se constrói segundo os próprios desejos, assumidos como absolutos... há o perigo de se viver os afetos de forma egoísta, o perigo de uma afetividade sem limites, narcisista, instável e mutável.

O Papa Francisco também falou sobre isso às famílias durante o discurso de natal:

Recusando o laço familiar, desaparecem também as personagens fundamentais da existência humana: o pai, a mãe, o filho; caem as dimensões essenciais da experiência do ser humano.

De fato, na cultura do bem estar do indivíduo, **a ordem dos prazeres esvazia de sentido, os sacrifícios do amor**: hoje não nos sentimos reprimidos pela lei que limita o desejo, mas nos sentimos perdidos, pois a ausência da lei torna insensata a

experiência do limite, da renúncia, da espera, todas as coisas que orientam e alimentam o desejo do amor. O resultado são homens e mulheres que não sabem amar porque não sabem sofrer: perderam a consciência de que **o amor é sempre “paixão”, isto é, alegria e sacrifício**, satisfação e sofrimento, plenitude e carência. A nossa fé, pelo contrário, nos mostra que o Sagrado se faz sacrifício, que o Filho aceita a condição de Servo, que o itinerário de Maria vai do *Magnificat* ao *Stabat*, da alegria de Belém à dor no Gólgota! Na fé, vemos bem que sem sacrifícios não há amor, e sem amor, não há sacrifícios autênticos.

Para reforçar a cultura do indivíduo, há a seguir o fenômeno da **redução do amor a sentimento, a paixão, a apego**, isto é, às suas formas narcisistas, infantis, imaturas. É a cultura do *love is love*, que instrumentaliza o amor para validar qualquer comportamento, desde que pareça amor. Mas tal redução do amor não sustenta a prova dos fatos: nunca o amor foi tão valorizado como hoje, todavia nunca o número de *singles* foi tão grande e nunca o laço conjugal foi tão precário. É assim porque o amor, compreendido corretamente, é dedicação, dom de si mesmo, cuidado para com o outro. É necessário, então, entender claramente que **o amor é tudo, mas todavia não basta; claro que é essencial mas não se vive só do que é essencial**. Ouçamos Xavier Lacroix:

Muitas expectativas em relação ao amor matam o amor ou, pelo menos, acentuam sua fragilidade. O amor pode ser a única base do casal e da família?... Precisamos ter a coragem de dizê-lo, amar não é suficiente. O amor, por mais forte que seja, não suprime as dificuldades de se comunicar, de exprimir os próprios desejos ou os próprios sofrimentos, de manter viva aquela longa conversação que é a vida de um casal. Pode-se amar e ser incapaz de viver junto, psicologicamente incapazes de suportar a proximidade cotidiana, de controlar os próprios afetos, de vencer os próprios obstáculos que talvez não sejam insuperáveis, mas que não se sabe como eliminá-los. O amor não elimina magicamente a incapacidade de amar.

Ora, **o belo da família é justamente o fato de ser o corpo do amor**, a realidade ao mesmo tempo simples e complexa na qual o amor toma corpo, harmonizam-se o sentimento e o compromisso. São belas, neste sentido, as palavras do Papa na sua primeira Carta apostólica:

A contribuição indispensável do matrimônio à sociedade supera o nível da emotividade e das necessidades contingentes do casal. Isto não nasce “do sentimento amoroso, efêmero por definição, mas da profundidade do compromisso assumido pelo casal que aceita entrar em uma comunhão de vida total”. O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que desfigura os vínculos familiares.

O MATRIMÔNIO É A VERDADE DO AMOR HUMANO

Sobre como vão as coisas sobre o matrimônio, que é o fundamento da família, muitos ainda concordam com Freud, que considerava o amor como egoísmo mascarado, que o homem e a mulher são universos incapazes de se comunicar, que manter junto o desejo erótico e a duração do relacionamento é impossível. Disso vem a cultura do assim denominado “amor livre”, intolerante a toda pressão e instituição, a toda lei ou tabu: o amor não encontra mais a sua premissa no matrimônio, e nem a sua missão, no gerar; e a própria sexualidade é livre não só do gerar, mas também do amar. Todavia, **o livre amor não é libertador**: como explicam os entendedores, com estatísticas, menos matrimônios significa menos amor e menos sexo, menos felicidade e menos fecundidade, tanto que o inverno demográfico tornou-se o principal problema político e econômico do ocidente. É assim porque **entre o amor livre e o amor dos esposos – digamo-lo alegremente – não há comparação**: o primeiro produz escravidão e esterilidade, o outro é realmente livre e fecundo. Um dura um instante e o outro dura para sempre. O belo do amor entre os esposos é justamente isso: impede que a relação se desgaste, e impede que a paixão seja um episódio. Se o matrimônio for cristão é ainda mais belo: **não será uma tentativa de se amar, mas a graça de poder se amar dentro do próprio amor de Deus!**

Deve-se dizer também que a lógica do amor livre lança hoje um ataque inédito e radical à família, que é representado pela difusão capilar e planetária, favorecida internacionalmente pela ideologia de *gêneros*. Sob a máscara humanitária da luta contra as discriminações e a promoção dos direitos das minorias, **passa-se a idéia de que o masculino e o feminino não são realidades naturais e nem sagradas, mas simples construções sócio culturais**, estereótipos a serem derrubados por serem opressores das mulheres, das minorias sexuais, da liberdade de cada um. Em poucas palavras, leva-se a crer que **os sexos não são um dado, mas uma orientação**, uma preferência, uma escolha, minando desta forma a base da condição elementar do matrimônio, isto é, a diferença. Trata-se de uma enorme negação da realidade, cientificamente frágil, mas considerada evidente e documentada, que **tem por objetivo a destruição do sistema binário homem-mulher**

sobre o qual se baseia a civilização toda e que ameaça não somente os laços familiares, mas também a identidade das pessoas e da própria ordem social.

Agora pelo contrário, o amor fecundo do homem e da mulher não só é o fundamento da família, mas é aquilo que nos torna imagem e semelhança de Deus. Belíssimas as palavras do Papa Francisco, onde explica que **a diferença homem-mulher não é só vontade de Deus, mas reflete a imagem de Deus:**

A imagem de Deus é o casal esponsal: o homem e a mulher; não somente o homem, não somente a mulher, mas os dois... Deus, por assim dizer, se “espelha” neles, imprime neles as próprias feições e caráter indelével de seu amor. O matrimônio é o ícone do amor de Deus por nós. Também Deus, de fato, é comunhão: as três Pessoas, do Pai, do Filho e do Espírito Santo, vivem desde sempre e para sempre em unidade perfeita.

À luz da criação e da revelação, urge **renomear a diferença homem-mulher e a riqueza de significados que ela emana.**

1. Em primeiro lugar, a existência dos dois sexos é o sinal elementar, escrito na carne, de que **não nos bastamos a nós mesmos e somos feitos um para o outro**, que a auto suficiência é um delírio e que viver é pertencer; 2. Além disso, para a sua ligação com a geração – o fato de nascer e morrer – a sexualidade diz que não somos nós o **fundamento do amor e da vida, mas Deus o é**; 3. E mais, se há uma experiência que não pode sugerir o domínio e a dependência, -os quais são frutos do pecado-, é a própria experiência sexual, que é em si uma **experiência de desapropriação mais que de posse, de perda de poder mais que de poder**, relacionado ao mistério mais do que à simples compreensão; 4. E depois, antes de mais nada, a experiência sexual diz que **a distinção existe para a comunhão e para a geração**, é a base da intimidade e da fecundidade, é o dispositivo fundamental do amor e da vida.

Temos então necessidade, que ressoe bem o Evangelho da família, **do testemunho de verdadeiros homens e mulheres:** homens e mulheres capazes de reconhecerem e valorizarem as respectivas diferenças, homens dispostos a vencerem seu egoísmo e mulheres dispostas a vencerem o instinto de controle, homens desejosos de dar a vida e mulheres prontas para acolherem a vida, homens prontos para transformarem o mundo e mulheres capazes de torná-lo mais humano, esposos e esposas que não deixem de cuidar um do outro, de se abençoarem e de se obedecerem um ao outro. Esplêndidas palavras do Papa dirigidas aos esposos :

O marido tem a tarefa de fazer mais mulher a esposa, e a mulher tem a tarefa de fazer mais homem o marido.

OS FILHOS SÃO A BENÇÃO DO MATRIMÔNIO

Se há algo de profético, com o que gastar as melhores energias no campo da evangelização, é a tarefa de recuperar – o relato dos padres do sínodo – “a íntima relação entre o amor conjugal e geração da vida”. Contra a redução dos sentimentos do amor e a manipulação tecnológica da vida, é bom poder dizer que **o amor é intimamente fecundo e a fecundidade é o fruto do amor**. Em outras palavras – é uma coisa que nenhuma civilização pensou o suficiente – **a verdade é que em todos os sentidos somos filhos:** procedemos de quem nos precede, amamos porque somos amados, geramos pois antes fomos gerados, somos um dom e somos chamados a fazer-nos dom. Tudo é geração, transmissão de vida e amor: 1. No projeto de Deus, a primeira palavra é justamente “geração”: no próprio Deus há um Filho (*Ef 1,3*), e, portanto Deus não é um Arquiteto, mas um Pai (*Jo 1,1-3*)! 2. E de fato o destino do homem está no chamado a se tornar filho no Filho (*Ef 1,4-5*), em revestir-se dos sentimentos de Cristo (*Fil 2,5* e *Col 3,12*), em alcançar a estatura da maturidade de Cristo (*Ef 4,13*)! 3. Por isso, no centro do Projeto está o mistério da Encarnação, aquela misteriosa troca na qual o Filho de Deus se fez filho do homem, para que os filhos do homem fossem feitos filhos de Deus, onde Jesus é o “Unigênito” do Pai que se faz “Primogênito” entre uma multidão de irmãos (*Rm 8,29*)! 4. E todo o projeto se realiza em uma história que procede ‘de geração em geração’, tanto que também Jesus, mesmo vindo de Deus, tem uma genealogia humana (*Mt 1,1-17*), tem um Pai no céu e uma Mãe na terra (*Mt 1,18.20*).

Se isto é verdade, então compreendemos que temos necessidade de **pais e de mães segundo o coração de Deus!** E aqui também há muito trabalho a ser feito, porque homens fracos e não persistentes, assim como mulheres agressivas e dominadoras – como acontece frequentemente hoje em dia – não se tornam pais respeitáveis e mães amorosas; nem os jovens que permanecem eternos adolescentes, se tornarão pais respeitáveis e mães amorosas. Dom Sequeri fotografa bem a questão paterna: na época da morte do pai, o fenômeno que se vê é

o da omissão dos pais e o da invasora substituição das mães. Mas pretender que adultos criados no mito da fusão erótica e da auto-realização narcisista sejam, de repente, capazes de sustentar a dialética da lei e do desejo, do limite e da onipotência, do diálogo e do enfrentamento, é ilusório.

Três coisas às quais devemos prestar atenção. 1. Antes de mais nada, é preciso afastar **o risco de pais por demais ausentes ou por demais presentes**, anônimos ou invasores. Explica-o bem Dom Camisasca:

Por um lado, nascer com um vazio de origem, não sabendo quem é o pai ou a mãe ou sabendo que o pai é um anônimo, que doou o sêmen e, a mãe, o útero, é uma verdade dramática para o filho... Mas também os adultos que se colocam em uma curva perigosa feita de direitos, posses e controle do filho, perdem um aspecto fundamental da experiência: o fato é que o filho é um dom, um inesperado, uma surpresa. É a própria vida dos filhos, no seu caráter de novidade e imprevisibilidade, que desmente a ilusão do controle e que chama os pais a uma atitude de serviço humilde e gratuito diante da vida.

2. Um segundo fenômeno que requer a atenção na formação das famílias é **a confusão dos papéis dos pais**: porque a figura do pai é culturalmente desqualificada, a mãe toma o lugar do pai, não obstante com muito trabalho e pouco sucesso, e o pai, para se sentir aceito é obrigado a se parecer o mais possível com a mãe, ter as suas mesmas sensibilidades e atitudes. Mas a questão é que pai e mãe não são a mesma coisa, e são educacionalmente eficazes justamente por esta diferença. Isto é muito bem ilustrado por Costanza Miriano:

Os pais têm um papel diferente: a mãe é acolhimento, o pai, o senso da realidade. A mãe é o chão que apóia, o pai, o muro que protege. A mãe ensina a viver, o pai a morrer. A mãe torna o ninho acolhedor, o pai dá a coragem para deixá-lo... Mesmo os tipos de educação são diferentes. Por exemplo, com relação aos perigos, o instinto materno é o de proteger os filhos, o do pai é o de ensinar a enfrentá-los.

3. Uma terceira frente de trabalho com os pais se refere ao fenômeno da **ruptura da barreira geracional**: hoje os filhos são mais desejados que acolhidos, são os filhos que mantêm os pais unidos e não o contrário. Isto resulta crianças adultas e adultos infantis, pais frágeis e crianças tiranas, com a respectiva perda de autoridade dos pais e do respeito dos filhos. Mas, como disse com viva preocupação Papa Francisco,

Há um estreito laço entre a esperança de um povo e a harmonia entre as gerações. O laço virtuoso entre as gerações é garantia de uma história realmente humana. Uma sociedade de filhos que não honram os pais é uma sociedade sem honra; quando não se honra os próprios pais, perde-se a própria honra!

Diante desta agenda de trabalhos, a indicação, segundo o nosso parecer vencedora, é esta : **não se é genitor só porque se transmite a vida, mas porque se transmite o sentido e a verdade da vida!** Por isso, como explica bem Vittoria Maioli Sanese,

O trabalho mais sério de um pai e de uma mãe não é sobre o filho. O objeto de trabalho não é o filho, mas uma procura apaixonada da verdade da vida, dos sentimentos autênticos. O pai vai à procura apaixonada da verdade. Eu creio que o pensamento mais lúcido da paternidade consiste em se perguntar: “o que posso transmitir de mim?”

Neste sentido, não há nada mais belo para os filhos do que ver papai e mamãe orando juntos, que reconhecem a maior paternidade de Deus, que invocam a maternidade de Maria, que amam a Igreja como Mãe, pois sabem bem – como dizia São Ciprião – que “não pode ter Deus por Pai quem não tem a Igreja como Mãe”.

A EDUCAÇÃO É UMA SEGUNDA GERAÇÃO

Os bispos italianos chamaram a atenção: **é necessário repensar a educação em termos de geração**:

Há uma estreita ligação entre educar e gerar: a relação educativa está ligada ao ato de gerar e na experiência de serem filhos. O homem não se dá a vida, mas a recebe. Da mesma forma a criança aprende a viver observando os pais e os adultos.

É preciso compreender que **a educação é o desenvolvimento natural da geração**, e que então **a educação é tarefa primária e inalienável dos pais**. João Paulo II dizia que “os pais são os primeiros e principais educadores dos próprios filhos e são educadores justamente porque são pais”, mas recentemente o explicou com palavras muito incisivas o Arcebispo de Turim, Dom Nosiglia:

A família é a primeira e indispensável comunidade educadora para a vida e para a fé. Tal tarefa cabe antes de tudo aos pais e é um dever essencial, original, primário, insubstituível e inalienável: essencial, porque ligada à

transmissão da vida; original e primário com relação à tarefa educativa de outros aspectos; insubstituível e inalienável, no sentido que não pode ser incumbido a outros e nem substituído por ninguém.

Educação em termos de geração significa então que ***cada agência educacional deveria sempre se inspirar nas maneiras familiares, paternas e maternas da educação.*** O que não ocorre. Nos últimos séculos a educação encontrou seus modelos de referência não nos pais, mas primeiramente nos filósofos e, depois, nos psicólogos. A questão é que a educação não pode se resumir em filosofia ou psicologia, pois não basta saber o que é o homem ou como ele funciona: educar é formar o homem, ensinando-o a viver, a pensar e a decidir, a rezar e a amar. Neste sentido a educação é irredutível quanto ao ensinamento ou ao treinamento: a educação gira em termos de testemunho e acompanhamento, de transmissão de vida e de senso, e não só de ideais ou valores, mas de estilos de vida que os incorpora: justamente como ocorre na família! Nosso Reitor-Mor diz isto claramente:

O melhor ambiente para educar é justamente aquele que se refaz segundo modelo base da família: aquele que reproduz a experiência da casa, onde os sentimentos, os atos, os ideais, os valores, são comunicados vitalmente, muitas vezes com uma linguagem não verbal e sobretudo não sistemática, mas não menos eficaz e constante.

Neste sentido é ressaltada a tarefa mais bela dos pais e de todos os verdadeiros educadores: ***trazer Deus e levar a Deus, mais precisamente trazer Jesus e levar a Jesus.*** Para que serve nutrir e instruir se falta um por quê? Para que serve oferecer bens, se não se aprende a querer bem? Para que serve oferecer meios, se depois não se indicam as metas? Seria como preparar uma mochila para os filhos e depois não levá-los para a montanha! De qualquer forma, nesta tarefa, devemos reconhecer que ***Maria não é só a Estrela da Evangelização, mas também a Estrela da Educação:*** ninguém como Ela trouxe Deus aos homens e sabe levar os homens a Deus! Ninguém como Ela, que foi por um tempo a educadora do Filho de Deus, pode educar com eficácia os filhos de Deus. Ninguém como Ela, que vive na plenitude da glória, pode ajudá-los a viver sobre a terra para conduzi-los felizes ao Céu!

PERFIS DE FAMÍLIAS FERIDAS, NA HISTÓRIA DA SANTIDADE SALESIANA

LODOVICA MARIA ZANET

COLABORADORA DA POSTULAÇÃO GERAL DAS CAUSAS DOS SANTOS SDB

DA CASA DE MARIA ÀS NOSSAS CASAS

Estamos acostumados a imaginar a família como uma realidade harmoniosa, marcada pela coexistência de diversas gerações e pelo papel-guia dos pais que dão as regras, e dos filhos que – aprendendo-as – guiam-se por elas na experiência da vida.

Também o logotipo deste Congresso Internacional de Maria Auxiliadora 2015 – os pais que estão entre os filhos e formam, com eles, através das mãos estendidas e dadas com firmeza – uma cadeia de confiança e apoio recíproco, parece confirmá-lo.

A passagem “da casa de Maria às nossas casas” é, todavia, às vezes mais sofrida do que se poderia imaginar, como confirmam, também, os recentes eventos que são notícias, e até mesmo as reformas legislativas: as famílias estão passando por dramas e incompreensões, ou são marcadas por feridas que atacam as suas configurações ideais e dão a elas, uma imagem distorcida e falsa.

Também a história da santidade salesiana passa por histórias de famílias feridas: famílias onde falta um dos pais, ou a presença da mãe e do pai tornam-se, por diferentes razões (físicas, psíquicas, morais e espirituais) sofrimentos para os seus filhos, hoje encaminhados às honras dos altares. O próprio Dom Bosco que tinha experimentado a morte prematura do pai e o afastamento de sua família, pela prudente vontade de Mamãe Margarida, quer - não por acaso – a obra salesiana especialmente dedicada à “juventude pobre e abandonada” e não hesita em reunir os jovens que se formam em seu oratório, em uma intensa pastoral vocacional (demonstrando que nenhuma ferida do passado é obstáculo para uma vida humana e cristã plena). É, portanto, natural, que a própria santidade salesiana, que alcança a vida de muitos jovens de Dom Bosco, consagrados, através dele, à causa do Evangelho, leve consigo - como lógica consequência - marcas de famílias feridas.

Gostaria de lhes apresentar, agora, três destes rapazes e moças que cresceram em contato com as obras salesianas, os quais “se inter-relacionam” com a biografia de Dom Bosco.

Os protagonistas são:

- a beata *Laura* Vicunha, nascida no Chile em 1891, órfã de pai e cuja mãe na Argentina, inicia uma convivência com o rico proprietário Manuel Mora; Laura, então, ferida pela situação de irregularidade moral da mãe, se dispõe a oferecer sua vida por ela;
- o Servo de Deus *Carlo* Braga, da escola de Valtellina, da classe de 1889, abandonado quando criança pelo pai, e afastado da mãe porque considerada, por uma mistura de ignorância e maledicência, psiquicamente instável; Carlo, então passa por grandes humilhações e verá a sua própria vocação salesiana passar por dificuldades, por temerem que ele também tivesse comprometimento quanto à desordem psíquica falsamente atribuída à sua mãe;
- e, por último, a Serva de Deus, *Ana Maria* Lozano, que nasceu em 1883 na Colômbia, e devido ao pai ter contraído hanseníase, segue com ele e sua família a um leprosário; ela encontrará obstáculos em sua vocação religiosa, mas poderá, enfim, concretizá-la, graças ao encontro providencial com o salesiano Luigi Variara, beato.

2. DOM BOSCO E A BUSCA DO PAI

Como Laura, Carlo e Ana Maria - marcados pela ausência ou pelas "feridas" de um ou dos dois genitores - antes deles, e de certa forma, "por eles", também Dom Bosco experimenta a ausência de um membro familiar importante.

As *Memórias do Oratório* logo se detêm na precoce perda do pai: Francisco morre aos 34 anos e Dom Bosco - não sem usar uma expressão, de certo modo, desconcertante - reconhece que "*Deus misericordioso* nos atingiu com uma grave *desgraça*". Assim, entre as primeiras lembranças do futuro santo dos jovens, tem lugar uma experiência dilacerante: a do corpo morto do pai, do qual Margarida tenta afastá-lo, mas encontra resistência: "eu queria ficar lá a todo custo", explica Dom Bosco, que disse na ocasião: "Se papai não vem, eu também não vou". Margarida lhe responde, então: "Pobre filho, vem comigo, já não tens pai". Ela chorava e Joãozinho, que não entendia a razão da situação, mas tinha uma noção do drama com uma intuição afetiva, faz própria, a tristeza da mãe: "chorava porque a via chorar. Naquela idade não poderia, evidentemente, compreender a grande desgraça que é a perda de um pai".

Diante do pai morto, Joãozinho demonstra ainda considerá-lo o centro da própria vida. Disse: "não quero *ir* [com você, mamãe]" e *não*, como se esperaria: "não quero *ficar aqui*". O seu ponto de referência é o pai - ponto de partida e desejável ponto de retorno - por isto todo distanciamento mostra-se desestabilizante. Na dramaticidade daqueles momentos, além disso, Joãozinho ainda não entendera o que significa a morte de um pai. Espera, de fato ("se papai não vem...") que o pai ainda possa estar perto dele; e já intui o imobilismo, o mutismo, a incapacidade de protegê-lo e de defendê-lo, a impossibilidade de estar de mãos dadas com ele, para, a seu tempo, tornar-se um homem. Os eventos que se seguem confirmam para João a certeza de que o pai protege com amor, direciona e guia, e que quando ele falta, até mesmo a melhor das mães, como Margarida, pode suprir isto só em parte. Em seu caminho de jovem animado, no futuro Dom Bosco encontra outros "pais": o colega Luigi Comollo, que despertou nele, o incentivo pelas virtudes, e São José Cafasso, que o chamou de "meu caro amigo", e lhe fez "gentilmente um sinal para que se aproximasse" e, fazendo assim, confirmou sua convicção de que paternidade é proximidade, confiança e interesse concreto. Mas há sobretudo Pe. Calosso, o sacerdote que "encontra" Joãozinho na época de uma "missão popular" e se torna determinante para o seu crescimento humano e espiritual. Os gestos de Pe. Calosso surtem no pré adolecente João, uma verdadeira revolução. Primeiro Pe. Calosso *fala com ele* e depois *lhe dá a palavra*. Depois *o encoraja*. E ainda: *se interessa* pela história da família Bosco, demonstrando saber contextualizar o "agora" daquele menino, no "tudo" de sua história. Além disso, lhe desvenda o mundo, antes, de certa forma o remete ao mundo, fazendo-lhe conhecer *coisas novas*, brindando-o com novas palavras e lhe demonstrando que tem a capacidade de fazer muito e bem feito. Enfim, *lhe protege* com gestos e com o olhar, e *lhe provê* em suas necessidades mais urgentes e reais: "Enquanto eu falava não despeguei os olhos de mim". "Coragem. Vou pensar em ti e em teus estudos".

Em Pe. Calosso, João Bosco faz, então, a experiência que a verdadeira paternidade merece uma confiança total e abrangente; conduz à consciência de si; devolve um "mundo ordenado" onde a regra causa segurança e educa para a liberdade:

"Coloquei-me logo nas mãos do Pe. Calosso. Fiquei sabendo assim quanto vale um guia estável [...], um fiel amigo da alma... Animou-me; passava com ele todo o tempo que podia.... A partir desse tempo comecei a perceber o que é a vida espiritual, pois antes agia de maneira um tanto material, qual máquina que faz uma coisa sem saber por quê".

O pai terreno é, portanto, justamente a quem o filho gostaria de estar apegado, mas não dá mais para ser sempre assim. E Pe. Calosso morre; também o melhor pai, em certo momento se distancia, para dar ao filho a força da separação e autonomia típicas da idade adulta.

Qual é, então, para Dom Bosco a diferença entre famílias bem sucedidas e mal sucedidas? Ficamos tentados a dizer que se resume nisto: "bem sucedida" é a família caracterizada por pais que educam os filhos à liberdade, e se os deixam é por um sobrevir de uma impossibilidade ou pelo próprio bem deles. "Mal sucedida" é a família onde o pai não gera mais para a vida, mas traz em si problemas de naturezas diversas, que se tornam obstáculos para o crescimento do filho: um pai que se desinteressa dele, e diante de uma dificuldade, o abandona, com uma atitude diferente daquela do Bom Pastor.

As biografias de Laura, Carlo e Ana Maria confirmam isto.

3. Laura: uma filha que "gera" a própria mãe

Nascida em Santiago do Chile no dia 5 de abril de 1891, e batizada no dia 24 de maio do mesmo ano, Laura é a filha mais velha de José D. Vicunha, um nobre arruinado, que tinha esposado Mercedes Pino, filha de um modesto agricultor. Três anos depois, nasce a irmãzinha Júlia Amanda, mas logo o pai morre, após uma derrota política que acabou com sua saúde e comprometeu o sustento e a honra da família. Privada de toda proteção e perspectiva de futuro, a mãe vai para a Argentina, onde recorre à tutela de um próspero proprietário, Manuel Mora: um homem "de caráter soberbo e altivo", que "não dispensa ódio e desprezo para quem quer que fosse contra os seus planos". Um homem, em suma, que só pela aparência garantia proteção, mas, na realidade, era uma pessoa acostumada a tomar, se necessário pela força, aquilo que queria, manipulando as pessoas. No entanto, paga os estudos no Colégio das Filhas de Maria Auxiliadora para Laura e sua irmã, e, a mãe delas, a qual, submetida à influência psicológica de Mora, convive com ele sem encontrar forças para romper os laços. Quando Mora começa a demonstrar interesse desonesto sobre a própria Laura, ela está justamente na época de sua preparação para a Primeira Eucaristia, ela logo compreende toda a gravidade da situação. Diferentemente da mãe, que justifica um mal (a convivência) por causa de um bem (a educação das filhas no Colégio) - Laura compreende que aquilo se trata de um acordo moralmente ilegítimo, que provoca grave perigo à alma da mãe. Nesta época, Laura deseja se tornar Irmã de Maria Auxiliadora: porém, o seu pedido é recusado por ser filha de uma "concubina pública". E é aí que a própria Laura, acolhida no Colégio, quando nela dominavam ainda "impulsividade, facilidade ao ressentimento, irritabilidade, impaciência e propensão a aparecer" - manifesta uma transformação que apenas a Graça, unida ao empenho da pessoa, pode operar: pede a Deus a conversão de sua mãe, oferecendo sua vida por ela. Neste momento Laura não pode ir nem "para frente" (entrando para as Filhas de Maria Auxiliadora) nem para trás (voltando para a mãe e para Mora). Com um gesto pleno de criatividade típica dos santos, vai para o único caminho que ainda lhe resta: da alteza e profundidade. Anotou nos propósitos da Primeira Comunhão:

"Eu me proponho a fazer tudo o que está ao meu alcance para (...) reparar as ofensas que Vós, diariamente, Senhor, recebestes dos homens, de pessoas como as de minha família; meu Deus, dai-me uma vida de amor, de mortificação e de sacrifício".

Finaliza o propósito em Ato de oferecimento, o qual inclui o sacrifício de sua própria vida. O confessor, reconhecendo que a inspiração vem de Deus, mas ignorando as suas consequências, consente, e confirma que Laura está "consciente da oferta que acabou de fazer". Ela vive os dois últimos anos em silêncio, alegria e sorriso e uma índole rica de calor humano. E até mesmo o olhar - como confirma uma fotografia, muito diversa do que a estilização hagiográfica mostra - que pousa sobre o mundo fala de todo o seu sofrimento e dor conscientes. Em uma situação onde falta tanto a "liberdade para" (condicionamento, obstáculos, dificuldades) como a "liberdade de" fazer muitas coisas, esta pré adolescente testemunha a "liberdade por": a da oferta total de si.

Laura não despreza, e sim, ama a vida: a sua própria e a da mãe. Por isto se oferece. No dia 13 de abril de 1902, Domingo do Bom Pastor, se pergunta: "Se Ele dá a vida... o que me impede de eu dar a minha vida por minha mãe?". Morrendo, acrescentou: "Mamãe, eu morro, eu mesmo pedi isto a Jesus... faz quase dois anos que ofereci a Jesus a minha vida por você... para obter a graça de seu retorno!"

São palavras desprovidas de pesar e de censura, mas sim, carregadas de uma grande força, uma grande esperança e uma grande fé. Laura aprendeu a aceitar a sua mãe como ela era. Ofereceu-se a si mesmo para doar à sua mãe, o que sozinha, a sua mãe não conseguia alcançar. Quando Laura morre, a sua mãe se converte. Laura dos Andes, a filha, assim contribuiu para gerar a mãe para a vida da fé e da graça.

4. CARLO BRAGA E A SOMBRA DA MÃE

Também Carlo Braga, que nasceu dois anos antes de Laura, em 1889, é marcado pela fragilidade da mãe: quando, na verdade, o marido abandona a ela e aos filhos, Matilde "passou a não comer mais quase nada e sucumbia a olhos vistos". Foi levada, então, para Como, onde morre quatro anos depois, de tuberculose, mesmo todos estando convictos de que a depressão foi transformada por ela em uma verdadeira loucura. Carlo começa, então, a ser "acusado como o filho de um inconsciente (o pai) e de uma mãe infeliz". Três acontecimentos providenciais o socorrem. Do primeiro, que ocorreu quando era bem pequeno, ele descobre o sentido mais tarde: tinha caído na lareira e sua mãe Matilde o socorrera; salvando-o, consagrou-o a Nossa Senhora naquele momento. Desta forma, a lembrança da mãe é para o menino Carlo "uma lembrança dolorosa e ao mesmo tempo consoladora": dolorosa, pela sua ausência; mas

também consoladora, pela certeza de que ela o havia confiado à Mãe de todas as mães, Maria Santíssima. Escreve Pe. Braga, anos depois, a um coirmão salesiano atingido pela perda da própria mãe:

Agora a sua mãe lhe pertence ainda mais do que quando era viva. Deixa-me contar a minha própria experiência. Minha mãe me deixou quando eu tinha seis anos [...]. Mas devo lhe confessar que ela me seguiu passo a passo, e quando chorava desolado ao murmúrio do Adda, enquanto, amigo, me sentia chamado a uma vocação mais alta, parecia-me que a mamãe me sorria e me enxugava as lágrimas.

Carlo encontra, depois, Ir. Judite Torelli, uma Filha de Maria Auxiliadora que “salvou o pequeno Carlo da desintegração de sua personalidade, quando aos nove anos se deu conta de que era tolerado, e às vezes ouvia as pessoas dizerem a seu respeito: “Pobre filho, por que está no mundo?”. Há, de fato, quem sustentava que o seu pai merecia ter sido fuzilado pela traição do abandono e, quanto à mãe, muitos companheiros de escola diziam: “Cale-se, sua mãe era uma louca”. Mas Ir. Judite o amava e o ajudava de modo especial; põe sobre ele um “novo” olhar; além disso crê em sua vocação e o encoraja.

Tendo entrado em seguida no Colégio Salesiano de Sondrio, Carlo vive a terceira e decisiva experiência: conhece Pe. Rua, de quem tem a honra de ser o pequeno secretário por um dia. Pe. Rua sorri para Carlo e repetindo o gesto que Dom Bosco havia feito com ele um dia (Miguelzinho, nós dois repartiremos tudo), “coloca a sua mão dentro da dele e lhe diz: “nós seremos sempre amigos”: se Ir. Judite tinha acreditado na vocação de Carlo, Pe. Rua permite agora, realizá-la, “fazendo-o superar todos os obstáculos”. É certo que para Carlo Braga, as dificuldades não faltariam em cada etapa de sua vida – como noviço, clérigo e até mesmo inspetor – concretizando-se em reenvios cautelosos e às vezes assumindo a forma de maledicência: mas ele aprendeu a enfrentá-los. Torna-se, então um homem capaz de irradiar uma extraordinária alegria, humilde, ativo e de delicada ironia: todas características que falam do equilíbrio da pessoa e o seu sentido de realidade. Sob a ação do Espírito Santo, Pe. Braga desenvolve, ele próprio, uma irradiante paternidade, à qual se une a uma grande ternura pelos jovens a ele confiados. Pe. Braga redescobre o amor ao próprio pai, o perdoo e faz uma viagem para reconciliar-se com ele. Trabalha sem cessar para estar sempre entre os seus salesianos e meninos. Define-se como aquele que foi “colocado na vinha para estar longe do centro de atenção”, isto é, à sombra, mas pelo bem dos outros. Um pai, ao confiar-lhe o seu filho como aspirante salesiano, disse: “ com um homem assim, eu deixaria o meu filho ir até o Polo Norte!”. Pe. Carlo não fica indignado com as necessidades de seus filhos, antes, os educa a manifestá-las, a valorizar os seus desejos: “Tem necessidade de algum livro? Não tenha medo, escreva uma lista ainda *mais* longa”. Sobretudo, Pe. Carlo aprendeu a pousar sobre os outros, aquele olhar de amor que um dia tinha experimentado graças à Ir. Judite e Pe. Rua. Testemunha Pe. José Zen, hoje cardeal, em um trecho longo que merece ser lido integralmente e que inicia com as palavras da própria mãe de Pe. José Zen a Pe. Braga:

“Olha, Padre, este menino não é mais tão tranquilo. Talvez não seja apropriado ser aceito neste instituto. Eu não queria que ele fosse enganado. Ah, se soubesse como ele me deixou desesperada neste último ano! Não sabia mais o que fazer. E se fizer vocês se desesperarem também, me avisem, por favor, que venho logo buscá-lo”. Pe. Braga, ao invés de responder, olhava-me nos olhos; eu o olhava, mas de cabeça baixa. Eu me sentia como um réu, acusado pelo Ministério Público, antes de defendido pelo próprio advogado. Mas o juiz estava do meu lado. Com o olhar me compreendeu profundamente, de imediato e melhor do que todas as explicações de minha mãe. Ele mesmo, escrevendo-me muitos anos mais tarde, usava as palavras do Evangelho : “*Intuitus dilexit eum* (olhando-o, o amou)”. E daquele dia em diante não tive mais dúvidas sobre a minha vocação.

5. ANA MARIA LOZANO DIAZ E A FECUNDA DOENÇA DO PAI

Os pais de Laura e de Carlo foram – de várias maneiras – mostrados como distantes e ausentes. Uma última personagem, Ana Maria certifica um dinamismo oposto: o de um pai *demais* presente, que com a sua presença mostra à filha um novo caminho de santificação. Ana nasce no dia 24 de setembro de 1883 em Oicatá, na Colômbia, em uma família numerosa, caracterizada pela exemplar vida cristã dos pais. Quando Ana era muito jovem, o pai – um dia, no trabalho – descobre uma mancha suspeita na perna dele. Trata-se da terrível hanseníase, que ele consegue esconder por algum tempo, mas enfim, é forçado a admitir, aceitando, primeiro, separar-se da família, depois voltar a ficar com ela no leprosário Água de Deus. A esposa lhe havia dito heroicamente: “O seu destino é o nosso”. Assim, os saudáveis aceitaram as condições de irem com ele e assumirem o ritmo dos doentes. Nesta conjuntura, a doença do pai condiciona a liberdade de escolha de Ana Maria, forçada a planejar a sua própria vida no leprosário. Ela, além disso - como já havia acontecido a Laura – fica impossibilitada de concretizar a própria vocação religiosa, por causa da doença do pai: experimenta, então, interiormente, a dilaceração que a hanseníase causa *nos* doentes. Ana Maria, no entanto, não está sozinha. Assim

como Dom Bosco graças a Pe. Calosso, Laura graças ao seu confessor, e Carlo graças a Pe. Rua, Ana Maria também encontra um amigo da alma. Trata-se do beato Pe. Luigi Variara, salesiano, que lhe assegura: “Se você tem qualquer vocação religiosa, ela se concretizará”, e a envolve na fundação das Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, em 1905. É o primeiro Instituto a acolher dentro dos leprosários, os filhos de leproso. Quando a Lozano morre, em 5 de março de 1982 com quase 99 anos de idade, madre geral por mais de meio século, a instituição do salesiano Pe. Variara estava, então, consolidada como uma experiência que confirmou e reforçou a dimensão vítima-reparadora do carisma salesiano.

6. OS SANTOS ENSINAM

Em suas inelimináveis diferenças, as histórias de Laura Vicunha (beata), Carlo Braga e Ana Maria Lozano (Servos de Deus) têm ligações, por alguns aspectos dignos de nota:

a) Laura, Ana e Carlo, como antes Dom Bosco, sofrem situações de inconveniências e dificuldades, de uma forma ou de outra, ligadas a seus pais. Não podemos nos esquecer de Mamãe Margarida, que se viu obrigada a distanciar Joãozinho de casa quando a ausência da autoridade paterna facilitara a oposição com o irmão Antonio; nem esquecer que Laura, se viu assediada por Mora e rejeitada pelas Filhas de Maria Auxiliadora como aspirante; que Carlo Braga sofreu incompreensões e calúnias; ou que a hanseníase do pai parecia, a certo ponto, subtrair de Ana qualquer esperança de futuro.

Uma família, de alguma maneira mal sucedida, ferida, provoca por conseguinte um *dano objetivo* a quem faz parte dela: ignorar ou tentar reduzir a consequência deste dano seria uma tarefa tanto ilusória quanto injusta. A cada sofrimento, de fato, associa-se um elemento de perda que os “santos”, com seu realismo, interceptam e aprendem a chamarem por nome..

b) Joãozinho, Laura, Ana Maria e Carlo executam, neste ponto, uma segunda passagem, mais árdua do que a primeira: ao invés de submeterem-se passivamente à situação, ou de chorarem, vão ao encontro do problema, em plena consciência. Além de um realismo animado (cf. ponto 5a), confirmam a capacidade, típica dos santos, de reagirem com rapidez, evitando o recuarem-se. Expandem-se no dom e introduzem estes dons nas condições concretas da vida. Fazendo assim, interligam o “*da mihi anima*” ao “*caetera tolle*”.

c) Os limites e as feridas, assim, não são mais removidos: mas sempre reconhecidos e chamados por nome; até mesmo, são “*habitados*”. Também a beata Alessandrina da Costa e o Servo de Deus Nino Baglieri, o venerável Andrea Beltrami e o beato Augusto Czartoryski, “conquistados” pelo Senhor nas condições incapacitantes de suas doenças, ou os Servos de Deus Titus Zeman, Ignac Stuchlý e José Vandor – partes de eventos históricos maiores que eles e que parecem dominá-los – ensinam a difícil arte de parar diante das dificuldades e de permitir que o Senhor faça florescer a pessoa que existe *dentro* deles. A liberdade de escolha assume aqui a altíssima forma de uma liberdade de adesão, no “*fiat!*”.

Nota Bibliográfica:

Para preservar o caráter de “testemunho” e não de “palestra” deste escrito, evitou-se um aparato crítico de notas. Assinala-se, no entanto, que as citações presentes no texto são passagens das Memórias do Oratório por Sac. João Bosco; de Laura Vicunha. Um caminho de santidade juvenil salesiana, por Maria Dosio, LAS, Roma 2004; de Pe. Carlo Braga conta a sua experiência missionária e pedagógica (testemunho autobiográfico do Servo de Deus) e da Vida de Pe. Carlo Braga, “O Dom Bosco da China”, escrita pelo salesiano Mario Rassiga e hoje disponível mimeografado. A estas fontes, adicionam-se os materiais dos processos de Beatificações e Canonizações, acessíveis os de Dom Bosco e Laura, ainda reservados os dos Servos de Deus.

9 DE AGOSTO DE 2015

PALESTRA DE ENCERRAMENTO REITOR-MOR

PE. ÁNGEL FERNÁNDEZ ARTIME SDB

Em sintonia com a Igreja, também a Família Salesiana dedica atenção especial à família, sujeito originário da educação e primeiro lugar da evangelização. Na exortação *Evangelii gaudium*, Papa Francisco oferece-nos uma leitura muito realista da situação da família no mundo atual. Trata-se de tomar consciência para ver nas dificuldades e desafios, as oportunidades para uma nova educação e uma nova evangelização.

COMPROMISSOS DO CONGRESSO

À luz das experiências partilhadas nestes dias do Congresso, acolhendo a mensagem que se amadureceu na escuta das palestras, dos testemunhos e das experiências, sobretudo continuando à escuta do que o Espírito Santo nos diz, gostaria de compartilhar alguns objetivos, que são pontos de referência e condutas para uma caminhada na nossa Família Salesiana. Tendo o olhar fixo em Jesus e guiados por Maria Auxiliadora e na trilha traçada por nosso pai Dom Bosco, estou convencido de que este Congresso representou para a nossa Família Salesiana, um momento de graças para anunciar o "Evangelho da família", repondo nela, a beleza, o papel e a dignidade. Em particular, olhando para Dom Bosco, a sua paternidade, vivida no primeiro oratório com um espírito de família, experimentaremos um crescimento da identidade mais clara e mais sólida. Desejo exprimir meus agradecimentos pela presença aqui, de numerosas famílias, que vivem com generosa fidelidade, sua vocação e missão. Vocês são um dos recursos mais eficazes para uma nova evangelização da família.

Através desses compromissos, gostaria que concretizassem o que diz a Carta de Identidade da Família Salesiana, no art.16: "É dada particular atenção à família, primeiro lugar de humanização, destinado a preparar os jovens ao amor e à acolhida da vida, primeira escola da solidariedade entre as pessoas e os povos. Todos somos comprometidos a garantir-lhe a dignidade e a solidez, para que se torne, de maneira cada vez mais evidente, uma pequena "igreja doméstica".

1. "Da casa de Maria às nossas casas": devemos nos empenhar em levar o perfume de uma nova humanidade, o sopro do Espírito Santo que faz novas todas as coisas, atualizando nos grupos da Família Salesiana e nas famílias, uma rede de relações autênticas, de corresponsabilidade e de comunhão inspirada no espírito de família de Dom Bosco. Razão, religião e *amorevolezza* pode ser traduzidos como *diálogo, querer-se bem e presença de Deus*.

1.1. Razão que se torna "diálogo": o grande ausente em muitas famílias é justamente o diálogo. Cada um se mantém apoiado em suas próprias posições. Algumas vezes se prefere fugir ao diálogo para evitar discussões. Este vento do Espírito de Deus que sopra da casa de Maria contém a força necessária para impulsionar um em direção ao outro, de modo a afastar o fechamento, aqueles preconceitos e aquelas ambições que são os mais acirrados inimigos da unidade familiar.

Quantas famílias se tornam prisioneiras do espírito do silêncio, o espírito que faz tolher a verdade do próprio eu, ao invés de comunicá-la ao nós da família. As relações familiares ardem de amor quando cada um se comunica em sua própria verdade, manifestando as suas próprias qualidades sem esconder os próprios defeitos.

Essas línguas de fogo doam o poder de falar em outra língua, a língua da sinceridade que revela plenamente quem é Deus e quem realmente somos nós, para nos mostrar como o amor de Deus é sempre superior a toda a nossa falta e esquecimento. Papa Francisco, em sua belíssima mensagem enviada para o Dia Mundial das Comunicações Sociais deste ano nos dá idéias interessantes às quais desejo me referir. Em primeiro lugar declara que: "Aliás, a família é o primeiro lugar onde aprendemos a comunicar". E desenvolvendo a metáfora da família como "ventre", comenta assim: "A família é «o espaço onde se aprende a conviver na diferença» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 66). Diferenças de gêneros e de gerações, que comunicam, antes de mais nada, acolhendo-se mutuamente, porque existe um vínculo entre elas. E quanto mais amplo for o leque destas relações, tanto mais diversas são as idades e mais rico é o nosso ambiente de vida... É em família que se aprende a falar na «língua materna», ou seja, a língua dos nossos antepassados (cf. 2 Mac 7, 25.27). Em família, apercebemo-nos de que outros nos precederam, nos colocaram em condições de poder existir e, por

nossa vez, gerar vida e fazer algo de bom e belo. Podemos dar, porque recebemos; e este circuito virtuoso está no coração da capacidade da família de ser comunicada e de comunicar; e, mais em geral, é o paradigma de toda a comunicação”.

A lembrança da "língua materna" leva-me a retomar o que escrevi no comentário à Estréia: "Em maio de 1887, Dom Bosco foi a Roma, e foi a sua última vez, para a consagração da Igreja do Sagrado Coração, monumento perene do seu amor ao Papa. Estava no final de uma longa vida de trabalho, que a construção daquele templo contribuiria para abreviar. No domingo 8 de maio ocorreu uma recepção em sua homenagem com a participação de personalidades eclesiais e civis, italianas e estrangeiras. No final da recepção muitos convidados tomaram a palavra em diversas línguas. Surgiu então em alguém a curiosidade de saber qual era a língua que mais agradava a Dom Bosco. Ele, sorrindo, respondeu: "A língua que mais me agrada é aquela que minha mãe me ensinou, porque me custou pouco esforço para exprimir minhas ideias e, depois, não me esqueço dela tão facilmente como das demais línguas!"¹

Dom Bosco sempre reconheceu os grandes valores que colheira em sua família: a sabedoria campesina, a argúcia saudável, o sentido do trabalho, a essencialidade das coisas, a diligência na ação, o otimismo a toda prova, a resistência nos momentos de desventura, a capacidade de recomeçar depois dos reveses, a alegria sempre e de qualquer maneira, o espírito de solidariedade, a fé viva, a verdade e a intensidade dos afetos, o gosto pela acolhida e a hospitalidade; bens todos eles que encontrara em sua casa e o construíram daquela maneira. Foi de tal modo marcado por essa experiência que, quando pensou numa instituição educativa para os seus jovens, não quis outro nome que o de "casa" e definiu o espírito com que haveria de marcá-la com a definição de "espírito de família". E para dar a marca adequada à coisa, pediu a Mãe Margarida, já idosa e cansada, que deixasse a tranquilidade da sua pobre casa na colina para descer à cidade e cuidar daqueles jovens recolhidos da rua, aqueles que lhe darão não poucas preocupações e desprazeres. Mas ela foi ajudar Dom Bosco e ser mãe de quem não tinha mais família e afetos.

Uma manifestação deste exercício de diálogo, que lembra a razão tão cara a Dom Bosco, é a autoridade que os pais devem exercer em relação aos filhos e de maneira especial, a ligada à função paterna. O sentido de comando e de guia do pai, é antes de mais nada exercitado, mas em segundo lugar, é explicado, porque educar os filhos significa dar o exemplo com a palavra e com a conduta de vida. A fé em Deus nasce do reconhecimento da autoridade dos filhos em relação aos pais. Exercitando os papéis de guia e de testemunhos, a mãe e o pai preparam o caminho do Senhor para os seus filhos, direcionando-os à vocação adulta que o Espírito Santo convida a reconhecer e acolher. E quando a autoridade dos pais é refutada, torna-se possível aos filhos resgatar a própria condição de filhos através do dom do perdão, que é a arca plena de ouro que faz resplandecer o calor da alegria e o fulgor da reconciliação familiar.

Nesta perspectiva: "Mais do que em qualquer outro lugar, é na família que, vivendo juntos no dia-a-dia, se experimentam as *limitações* próprias e alheias, os pequenos e grandes problemas da coexistência e do pôr-se de acordo. Não existe a família perfeita, mas não é preciso ter medo da imperfeição, da fragilidade, nem mesmo dos conflitos; preciso é aprender a enfrentá-los de forma construtiva. Por isso, a família onde as pessoas, apesar das próprias limitações e pecados, se amam, torna-se uma *escola de perdão*. O perdão é uma *dinâmica de comunicação*: uma comunicação que define e se quebra, mas, por meio do arrependimento expresso e acolhido, é possível reatá-la e fazê-la crescer"(Mensagem do Dia das Comunicações Sociais 2015).

A brisa contém aquela frescura que fortifica a missão familiar. O suor do trabalho, os cuidados na educação dos filhos, o cuidar dos familiares idosos, causam um cansaço na alma ainda maior que o físico, um cansaço que pode ser aliviado apenas com o sopro do Espírito Santo. É preciso redescobrir a alegria na família e entre as famílias, sentando-se à mesma mesa para partilhar as alegrias e as dificuldades da vida cotidiana, as esperanças e as expectativas que habitam nossas mentes e nossos corações.

1.2. Amorevolezza que se torna "querer-se bem": a brisa do Espírito Santo que sopra da casa de Maria espalha a poeira que se deposita ao longo do tempo. Quantas relações familiares têm a necessidade de serem tocadas pela brisa do Espírito Santo. Esta é uma imagem típica das relações que permanecem inalteradas ao longo dos anos, relações que não têm mais a força para se renovarem e se amadurecerem, para levarem os frutos típicos da vocação adulta. Noivados que duram muitos anos sem projeto de casamento; espera de tanto tempo antes de se abrirem para a acolhida de filhos; viver como nova família permanecendo condicionados à família de origem; são as poeiras que se acumulam, evitando que se cumpra a missão confiada por Deus.

Oferecer o testemunho de um amor conjugal vivido como dom, na reciprocidade e complementariedade do homem e da mulher, com fundamento na graça e fidelidade de Deus. Acompanhar percursos de noivado entendidos

como tempo de espera e de preparação. Promover a educação sexual e afetiva dos filhos através de um testemunho de um amor conjugal respeitoso e fiel, na prática da *amorevolezza* salesiana. Papa Francisco como "Na família, é sobretudo a capacidade de se abraçar, apoiar, acompanhar, decifrar olhares e silêncios, rir e chorar juntos, entre pessoas que não se escolheram e todavia são tão importantes uma para a outra, é sobretudo esta capacidade que nos faz compreender o que é verdadeiramente a comunicação enquanto *descoberta e construção de proximidade*. Reduzir as distâncias, saindo mutuamente ao encontro e acolhendo-se, é motivo de gratidão e alegria" (Mensagem do Dia das Comunicações Sociais 2015).

Expressão fundamental deste amor é a acolhida e o cuidado da vida humana, sagrada e inviolável, portadora de um valor único e irrepetível, também quando é uma vida marcada por limites. Quero aqui recordar as famílias com filhos marcados por uma ou mais deficiências, nem sempre fáceis de acolher e acompanhar. Comove-me saber que também entre vocês há experiências que ajudaram a superar a tentação de se fecharem em si mesmos, abrindo vias de comunicação e de ajuda. É importante explicar isto às novas gerações porque o mundo de hoje propõe uma mensagem completamente diferente em relação aos valores cristãos. Uma mentalidade muito difundida em nossos dias é a de pensar que a vida das pessoas ricas, dotadas e poderosas assume um valor maior do que a da pessoa pobre, desempregada, desintegrada, doente ou idosa.

Este se querer bem não é apenas uma questão de sentimentos, mas se traduz também em exercício de caridade na prática em família e entre as famílias, com uma renovada atenção às famílias em mais dificuldades ou em crises, às pessoas sozinhas, marginalizadas, idosas. Fazer apreciar o valor da vida significa educar as crianças e os adolescentes para respeitarem os mais fracos, à solidariedade em relação aos mais necessitados, educar para a resistência pacífica de erros e para a escuta, com compaixão, das dores alheias.

1.3. Religião que se torna "Presença de Deus": a brisa do Espírito Santo que sopra da casa de Maria, faz das casas e da comunidade, um cenáculo, onde a prática da oração é a verdadeira argamassa que solidifica e cura as relações familiares. A oração é a forma fundamental de comunicação, expressão da dimensão religiosa de nossa fé, feita de amor de Deus e do próximo. A oração feita junto, a leitura das Sagradas Escrituras, a reza do Terço em família são algumas formas que exprimem a família como igreja doméstica.

A oração pede dois elementos essenciais: a assiduidade e a concórdia. A assiduidade significa jamais perder a ocasião de se voltar a Deus para pedir inspiração para o próprio agir, para reconhecer as próprias culpas e para ter a correta constrição e coragem para pedir desculpas. A concórdia significa ter o próprio coração aberto à vontade de Deus, para viver a unidade familiar também na diversidade das intenções, e deixar que Deus decida qual o caminho a seguir, entre as possibilidades que se apresentam. Assiduidade e concórdia são ao mesmo tempo pré-requisitos e frutos da oração.

A presença de Deus também vem vivenciada na prática do amor recíproco e no diálogo entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs, entre avós e netos, entre parentes e amigos. Em particular, desde a primeira evangelização, a transmissão da fé, na sucessão das gerações e a educação à vida nova e bela do evangelho, encontraram na família, o local natural, onde comunicar as primeiras verdades, educar à oração, ao diálogo, ao amor, à aceitação, ao respeito aos outros. Não se pode pensar em uma nova evangelização sem sentir uma precisa responsabilidade das famílias em relação ao anúncio do Evangelho e sem dar a elas, o apoio em sua missão educativa.

O cume e a fonte deste caminho de comunhão é a celebração Eucarística onde as famílias se reúnem ao redor do altar na grande família de Deus que é a Igreja, tendo o olhar fixo em Jesus Cristo, filho de Maria e de José, rogando a ele e o adorando como Senhor do tempo e da história. Certifique-se de que o seu olhar encontre o olhar de nossas famílias, volte-se aos nossos rostos, às vezes marcados pelas lágrimas, marcados pelo sofrimento e pela tristeza, assolados pela violência e pelo abandono.

Deste modo, a oração, o fogo e a brisa renovam a família cristã, levando-a a sair de suas próprias paredes domésticas para comunicar ao mundo inteiro a alegria de se viver junto, apesar das diferenças, das incompreensões e dos limites de cada pessoa humana.

2. PASTORAL JUVENIL E PASTORAL FAMILIAR

Dom Bosco sonhou com um movimento de pessoas pelos jovens: só uma comunidade de discípulos – apóstolos, acolhedora e exemplar, pode transmitir a fé e ser confiável. Por este motivo, “casa” e “família” são as duas palavras frequentemente utilizadas por Dom Bosco para descrever o “espírito de Valdocco” que deve resplandecer em nossas comunidades. Neste sentido acolhemos o apelo evangélico e carismático na compreensão mútua e na corresponsabilidade, na correção fraterna e na reconciliação. Também nós, somos chamados a fazer com que a pastoral juvenil esteja cada vez mais aberta à pastoral familiar. É preciso se certificar de que as famílias se tornem, na vida cotidiana, lugares privilegiados de crescimento humano e cristão, lugares do porvir das virtudes que dão forma à existência. É preciso caminhar com as famílias, acompanhá-las nas situações complexas que têm que enfrentar, identificando novas vias e estratégias comuns para apoiar os pais no empenho educativo.

Em consonância com o compromisso de toda a Igreja que “desenvolve um papel precioso de amparo às famílias, partindo da iniciação cristã, através de comunidades de acolhimento. A estas é pedido, hoje mais que antes, nas situações complexas como nas ordinárias, de amparar os pais no seu empenho educativo, acompanhando os meninos, adolescentes e jovens no seu crescimento através de caminhos personificados capazes de introduzir o sentido pleno da vida, e de suscitar escolhas e responsabilidades, vividas à luz do Evangelho”. (Relação Final (“Relatio Synodi”) da III Assembleia geral extraordinária do Sínodo dos Bispos: “Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização” n. 61).

As áreas de interesse em que se expressam essa sinergia abrangem todo o âmbito da vida afetiva e da experiência familiar. Em particular:

- A educação dos adolescentes e dos jovens ao amor, inspirando-se na amorevolezza de Dom Bosco; trata-se de contrastar as tendências culturais que parecem impor uma afetividade sem limites, narcisistas, instáveis e imaturas. Positivamente dar razões e sentido à vocação matrimonial. Uma atenção especial é dada à formação da consciência e à educação às virtudes, em particular à castidade, vivida e proposta de forma exemplar por Dom Bosco, como condição indispensável para o crescimento no amor autêntico e livre.
- A preparação dos noivos para o matrimônio e família, ajudando os jovens no amadurecimento afetivo através da promoção do diálogo, da virtude e da confiança no amor misericordioso de Deus; isto implica em um itinerário de fé e um discernimento maturo e responsável diante da escolha matrimonial.
- A celebração do matrimônio, evidenciando a graça própria do sacramento e colocando em destaque a primazia da graça.
- O acompanhamento dos jovens esposos e pais, envolvendo-os na caminhada dos grupos e das associações da Família Salesiana. O testemunho dos casais e famílias sãs ajudarão a crescer na consciência dos desafios e do significado do matrimônio.
- A atenção particular às famílias em dificuldades de relacionamentos e às em situações ‘irregulares’, sobretudo contrastando com a precipitação com que muitos decidem acabar com o vínculo conjugal e com os compromissos familiares e acompanhando com cuidado, as situações de crises. A pastoral da caridade e da misericórdia tendem à recuperação das pessoas e dos relacionamentos. A graça do sacramento da reconciliação e a prática do perdão ajudam a superar também, os momentos de crises e de infidelidade.
- A espiritualidade conjugal e familiar na perspectiva da espiritualidade salesiana
- A formação dos que trabalham na pastoral familiar, na ótica do sistema preventivo, para que sejam mestres na fé e no amor.

3. COMO FAMÍLIA SALESIANA:

Antes de oferecer duas perspectivas e caminhos gostaria de retomar uma convicção que já exprimi antes. A nossa fidelidade a Dom Bosco como Família Salesiana neste século XXI e nos anos sucessivos a seu Bicentenário, nos pede um serviço à Igreja, ao povo de Deus, aos jovens, especialmente os mais pobres, e às famílias que se distingam e se caracterizem pelo serviço na simplicidade, na familiaridade, na humildade, de ser e de viver para os outros, de se doar aos jovens de nosso meio, porque aceitamos que este é o nosso modo de viver. A nossa fidelidade corre grave risco quando se vive no poder e na força. E se este poder é ligado ao dinheiro, então o risco é ainda maior. Atenção irmãs e irmãos, religiosos e religiosas e leigos de nossa Família Salesiana, a esta tentação real e muito perigosa. A nossa força é a de vivermos uma verdadeira vida de comunhão e de fraternidade que seja mais evangélica, de modo que seja mais

questionável, atraente por si só, e a nossa comunhão no serviço, no interior de cada uma de nossas instituições ou grupos, e em nossa própria Família falará por si mesmo. Com este espírito convido a:

- Promover a troca, a complementariedade e a corresponsabilidade entre vocações matrimoniais e as de vida consagrada e sacerdotal, valorizando a partilha de experiências, projetando juntos, a fim de que as diferentes sensibilidades tornem-se cada vez mais riqueza para o bem dos jovens.
- Partilhar e valorizar as experiências e as propostas já em andamento nos grupos da Família Salesiana sobre a Pastoral Familiar, promovendo-as de novo como forma concreta de realização do próprio carisma.

Gostaria de concluir convidando os casais e as famílias a renovarem a graça de seu matrimônio, vivendo o chamado à santidade, como esposos cristãos, como famílias animadas pelo evangelho e pelo carisma salesiano. Gostaria de encorajar a todos para terem confiança no amor misericordioso de Deus que age e salva dentro das fraquezas e das misérias da condição humana. Em particular, sinto que devemos, enquanto Família Salesiana, crer mais no Sistema Preventivo, não apenas como método pedagógico, mas como expressão da graça proveniente e providente que é própria do Amor de Deus. À escola de Dom Bosco e de Mamãe Margarida isto significa cuidar da formação da consciência, educar para a fortaleza da vida virtuosa na luta, sem abatimentos e concessões, contra o pecado, com a ajuda dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, crescendo na docilidade pessoal, familiar e comunitária às inspirações e moções do Espírito Santo, para reforçar as razões do bem e testemunhar a beleza da fé.

Para realizar isto é necessário que haja uma **conversão missionária**: a crise da fé, a ausência de Deus produziram a crise do matrimônio e da família e da transmissão da própria fé às novas gerações. As famílias e a comunidade pastoral-educativa tocadas pela graça, saibam, com alegria e esperança, ser sinais e instrumentos do anúncio do “Evangelho da família”, para outras famílias e para as novas gerações. “Maria, na sua ternura, misericórdia, e sensibilidade materna pode nutrir a fome de humanidade e vida, pela qual é invocada pelas famílias e pelo povo cristão” (Relação Final (“Relatio Synodi”) da III Assembléia geral extraordinária do Sínodo dos Bispos: “Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização” n. 61). A mensagem e a graça que queremos pedir na Eucaristia que celebraremos agora, com a intercessão da Sagrada Família e de Dom Bosco, é que as suas famílias e a grande Família Salesiana que vocês representam, sejam uma bênção, um “dizer bem”, sobretudo lá onde há barreiras e muros de ressentimentos, de falta de perdão, de isolamentos. Como fazia Mamãe Margarida com os seus filhos, e Dom Bosco com os seus meninos, convido-os a contarem as coisas belas que Deus fizera em suas vidas e na vida de suas famílias, sejam Evangelhos vivos, testemunhas da beleza e da riqueza do relacionamento entre as gerações, entre o homem e a mulher, entre pais e filhos, com o coração apostólico e alegre de nosso pai Dom Bosco.

¹ MB XVIII, p. 324-325

8 DE AGOSTO DE 2015

HOMILIA - BASÍLICA DE MARIA AUXILIADORA REITOR-MOR

PE. ÁNGEL FERNÁNDEZ ARTIME SDB

Celebramos esta solene Eucaristia nesta Basílica de Maria Auxiliadora no bicentenário de nascimento de nosso Pai Dom Bosco. Neste lugar e neste momento, mais do que nunca, queremos refletir e acolher as palavras de Maria: *"Hic domus mea, inde gloria mea"*, e a atualização dessas palavras, a qual foi feita para este Congresso Internacional de Maria Auxiliadora: *Da casa de Maria às nossas casas. A sua misericórdia de geração em geração.*

Da "sua casa" Maria Auxiliadora e Mãe da Igreja quer fazer crescer profundamente os afetos da Igreja e da Família Salesiana, abrindo horizontes. O sacrossanto trabalho de amor que se chama família, infelizmente tem hoje necessidade cada vez mais urgente de cuidados. O Papa lhe dá agora, uma posição de absoluta importância, convocando a Igreja em Sínodo e pedindo compreensão e amor.

Vivemos este encontro neste lugar de graças. Pe. Eugenio Ceria, biógrafo de Dom Bosco, afirmou que a elevação da igreja de Maria Auxiliadora em Valdocco tem uma importância excepcional na tradição da Família Salesiana: proclama a certeza da intercessão materna da Auxiliadora ("Maria construiu esta casa"), constitui essa igreja como "lugar privilegiado" de uma mensagem espiritual e apostólica (coração do patrimônio espiritual do Fundador), e a torna centro de união e de difusão universal ("Aqui é a minha casa, daqui a minha glória"). Com este templo, diz Ceria, Dom Bosco acende "um místico fogo, no qual serão aquecidos e de novo se aquecerão gerações de operários do evangelho, enviados para trabalharem amplamente na vinha do Senhor" (E. Ceria, "Anais" I pág. 89; cf todo o cap. 9). O Santuário de Valdocco transcende a geografia local e é o centro fecundo que estende ao mundo todo, as riquezas de um carisma do Espírito Santo, preservado e animado pela solicitude da Virgem Maria, Mãe de Deus.

O texto do Evangelho que foi proclamado nos revela como Jesus assumiu uma família, deu início aos sinais na festa das Bodas de Caná, anunciou a mensagem concernente ao significado do matrimônio como plenitude da revelação que recupera o projeto originário de Deus. Gostaria de comentar a passagem bíblica das Bodas de Caná, proposta para a Eucaristia em honra a Maria Auxiliadora, à luz da leitura que Dom Bosco propõe no opúsculo "Maravilhas da Mãe de Deus", o mais belo texto de nosso Pai sobre Maria Auxiliadora e Mãe da Igreja. Escreve Dom Bosco:

"Maria manifesta nas Bodas de Caná, o seu zelo e o seu poder junto a seu Filho Jesus. Vinum non habent: Maria ora, supplica e intercede como mãe muito terna e misericordiosa, porque "é próprio da misericórdia o considerar nossa, a necessidade do outro". "Solicitude e zelo" no prevenir e no prover: um auxílio oportuno e no momento certo, porque expressão e fruto da íntima união da Mãe com o Filho na obra da salvação. Maria resplandesce como exemplo luminoso de fé, mestra da confiança, do amor e da obediência, exemplo de humildade, de presteza e de prudência".

Nestas poucas linhas o nosso pai nos elenca uma variedade de elementos que orientam o nosso caminho e dão um especial sentido ao nosso Congresso, oferecendo-nos algumas recomendações preciosas para a vida de nossas famílias e para uma renovada pastoral familiar.

Maria ora, supplica e intercede. Maria é a mulher que intercede com a força do amor. Três verbos que qualificam a intercessão materna de Maria. A força da oração deve sustentar os caminhos, as relações, as escolhas, as dificuldades e as provações da família. A família não deve se privar da proteção da oração. Quando chega a faltar o vinho da alegria, da harmonia, da paz, a oração deve se intensificar. Quantas pessoas e situações familiares marcadas pela solidão, pelo abandono, e frequentemente pelo rancor, porque chegou a faltar o vinho da alegria que dá sabor à vida. A fraqueza, a debilidade da família frequentes hoje são devido ao grande vazio espiritual e ausência de oração feita em conjunto. "A família que reza unida, permanece unida", afirmava a Beata Madre Teresa de Calcutá.

Como Mãe muito terna e misericordiosa, que confirma a verdade do amor de Deus *"de geração em geração"*. É justamente dentro da história de nossas famílias, dos relacionamentos conjugais, entre pais e filhos, fraternos, entre os parentes que deve se revelar hoje, o amor misericordioso de Deus. Relacionamentos frequentemente feridos, ressentidos, doentes, que na prática de um amor que acolhe, perdoa, pede desculpas, sabe restaurar as relações e abri-las, e expandi-las a novos horizontes.

É próprio da misericórdia o considerar como nossas, as necessidades dos outros. Este inciso nos ajuda a compreender que o amor verdadeiro, aquele que cuida e cura, nasce da capacidade de tomar como nossas, as necessidades dos outros; trata-se da compaixão, o levar ao coração e se fazer repleto do problema, das lágrimas, dos erros, das necessidades do esposo, da esposa, do filho, da filha, do irmão, da irmã, da avó, do parente... que se restabelecem e se renovam os relacionamentos.

“Solicitude e zelo” no prevenir e no prover: nesta frase temos uma admirável síntese de nosso Sistema Preventivo o qual Dom Bosco obteve por inspiração e guia de Maria Auxiliadora e na escola de Mamãe Margarida. Conduzidos por Maria Auxiliadora, aprendamos a arte de um amor solícito, intuitivo, próprio de uma mãe, de uma mulher que sabe prevenir e prover com presteza e discrição. Que lição para a vida das famílias. É a prática desse amor atento, solícito e zeloso, que constrói e reforça a rede de relações afetivas e familiares, no exercício cotidiano de uma caridade que visibiliza o amor providente de Deus. A luz que Ele irradia é luz de misericórdia e de salvação para o mundo inteiro, luz de verdade, para cada homem, para a família humana e para cada família em particular. Esta luz nos encoraja a oferecer calor humano nas situações familiares, nas quais, por vários motivos, falta a paz, falta a harmonia, falta o perdão. Que a nossa caridade concreta não falte especialmente em relação às famílias que estão vivendo situações mais difíceis, por doenças, falta de trabalho, discriminações, necessidades de emigrarem...

Maria, luminoso exemplo de fé: Maria está presente em uma festa de casamento, no início da vida pública de Jesus. Com a sua presença no início de uma nova família recorda que no centro e em primeiro lugar deve estar Jesus. Quando pais e filhos respiram juntos este clima de fé, possuem uma energia que lhes permite enfrentar difíceis provações. A fé é uma lâmpada que brilha e que deve ser transmitida de geração em geração através do testemunho de uma vida autêntica e evangélica, como preciosa herança.

Mestra da confiança, amor e obediência: mais uma vez, Maria é a mestra em cuja escola podemos nos tornar sábios, como ouviu Joãozinho no sonho dos nove anos. Mestra da confiança, amor e obediência como Ela demonstrou no milagre das Bodas de Caná: confiança em seu Filho a quem se dirige fazendo-se voz de uma necessidade; amor pelos jovens esposos; obediência na fé à vontade de Deus e mestra da obediência no levar os servos a fazerem tudo o que “Ele vos disser”. As relações dentro da família têm na confiança, o terreno de crescimento; no amor dado e recebido, a linfa vital; na obediência feita da escuta, a disponibilidade; e na colaboração, a história de uma verdadeira caminhada.

Maria, exemplo de humildade, de presteza e de prudência: humildade é a base da vida espiritual e é como o alicerce de uma casa; a presteza é não demorar a responder ao chamado de Deus, às inspirações do Espírito Santo e é como as paredes da casa que a fazem crescer; a prudência é organizar cada coisa segundo um objetivo de bondade e de bem e é como o teto da casa, que a completa e a protege.

Neste momento gostaria de lembrar que no mesmo ano em que nascia o nosso pai Dom Bosco, o Papa Pio VII instituiu a Festa Litúrgica de Maria Auxiliadora. Sua libertação da prisão napoleônica (24 de maio de 1814) foi o fato que impulsionou Pio VII a instituir-lhe a memória litúrgica, fixada no próprio 24 de maio. Após coroar a imagem da Mãe da Misericórdia em Savona, Pio VII instituiu a festa da Auxiliadora em perpétua memória de sua libertação. Maria Auxiliadora defende e liberta a Igreja de todo perigo interno e externo. Hoje queremos que seja a Auxiliadora da Igreja doméstica, que é a família, defendendo-a de tantos ataques que a querem destruir e libertando-a de tudo aquilo que não é segundo o projeto de Deus.

Observando o grande retábulo do altar-mor, vemos que entre as imagens dos santos que envolvem a Auxiliadora, há também a de Dom Bosco, que segura na mão um modelo da Basílica e o oferece à Nossa Senhora. Nesta noite gostaria que cada família fizesse como Dom Bosco, a oferta de sua própria casa à Maria Auxiliadora, para que Ela seja a Mãe, a Mestra e a Guia. No término desta Eucaristia, uma família representando cada continente aqui presente fará uma homenagem a Maria Auxiliadora, sinal da consagração de nossas famílias e de toda a Família Salesiana à nossa Mãe e Mestra.

HOMILIA - COLLE DOM BOSCO REITOR-MOR

PE. ÁNGEL FERNÁNDEZ ARTIME SDB

"Nasci no dia consagrado à Assunção de Nossa Senhora ao Céu, no ano 1815, em Murialdo, distrito de Castelnuovo d'Asti. Minha mãe chamava-se Margarida Occhiena, de Capriglio, e meu pai, Francisco. Eram camponeses que com trabalho e economia ganhavam honestamente o pão de cada dia. Meu bom pai, que unicamente com seus suores, proporcionava sustento à vovó septuagenária e cheia de achaques; a três meninos, o maior dos quais, Antônio, filho do primeiro matrimônio; o segundo era José; o mais moço, João, que sou eu; havia ainda dois empregados no campo." (Memórias do Oratório)

É emocionante ouvir essas palavras de Dom Bosco, bem aqui no lugar que o viu nascer há 200 anos. Mesmo tendo nascido no dia 16 de agosto, ele fala do dia de Nossa Senhora da Assunção, mostrando como a sua vida foi marcada desde o início pela presença materna e providencial de Maria Santíssima. E depois de Nossa Senhora, fala de seu pai Francisco e de sua mãe Margarida: os seus amados e venerados pais. Foram camponeses que viveram do trabalho da terra. Fala de uma avó idosa, do irmão Antônio, nascido do primeiro casamento de Francisco Bosco, e de José, o outro irmão.

Na segunda leitura, São Paulo exorta os cristãos de Éfeso a *"Não contristar o Espírito Santo... Toda a amargura, ira, indignação, gritaria e calúnia sejam desterradas do meio de vós, bem como toda malícia. Antes, sede uns com os outros bondosos e compassivos. Perdoai-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou, em Cristo... Caminhai na caridade de Cristo"*.

A mensagem, em particular às famílias, que eu gostaria de deixar, daqui deste lugar onde ficava a casa onde Dom Bosco nasceu, é a mensagem do Apóstolo Paulo: **"Caminhai na caridade"**. Partindo hoje daqui do Colle, gostaria que vocês levassem ao mundo, o espírito de família, que nasceu e cresceu aqui na escola de Mamãe Margarida.

Caminhai na caridade: hoje o que mais pesa na vida, não é a falta de bens materiais ou possibilidade de resoluções na vida: o que mais pesa é a falta de amor. Pesa o não receber um sorriso, não ser acolhido. Pesam certos silêncios, às vezes também dentro da família, entre marido e mulher, entre os pais e filhos, entre irmãos. Sem amor, as dificuldades tornam-se mais pesadas, intoleráveis. Na vida em família se partilham tantos momentos bons: as refeições, o repouso, o trabalho em casa, o divertimento, a oração, as viagens e as peregrinações, as ações de solidariedade... Todavia, se falta o amor, falta a alegria, falta o sentido de estar junto. Se o amor é uma relação, então é uma realidade que cresce, e podemos dizer, por exemplo, que o amor se constrói como se constrói uma casa. Não a construa sobre a areia dos sentimentos que vão e vêm, mas, na rocha do amor verdadeiro, do amor que vem de Deus. A família nasce desse projeto de amor, que quer crescer assim como se constrói uma casa, que seja local de afeto, de ajuda, de esperança, de apoio.

Caminhai na caridade: significa colocar Deus em primeiro lugar na vida da família. Trata-se de reconhecer que temos necessidade de Deus: todos, todos! Necessidade de sua ajuda, de sua força, de sua benção, de sua misericórdia, de seu perdão. Isto é rezar em família, e isto fortifica a família: a oração.

Gostaria de fazer minhas, três palavras do Papa Francisco:

Com licença: não ser invasivo na vida do outro, mas respeitar o mistério que ele traz consigo. Não ser invasivo na vida do cônjuge, do filho, mas aprender a discrição, saber parar no limiar do mistério que o outro traz consigo e exprime. Com licença, mas o que parece para você? Com licença, permita-me.

Obrigado: agradecer o cônjuge, o filho, a filha, o irmão, a irmã, o avô, a avó; obrigado pelo que são e pelo que fazem por mim. A beleza de agradecer!

Desculpe: Assim como todos nós erramos, a outra palavra que é um pouco difícil para dizer, mas necessita ser dita é: peça-lhe perdão. O amor é mais forte do que o momento em que brigamos e por isto, em família, não é preciso terminar o dia sem fazer as pazes. Não conservar rancores e ressentimentos que são germes de morte e bloqueiam as relações.

Para poder "Caminhar na caridade", em um tempo onde às vezes tem-se a impressão de estar no deserto e onde tantos, mesmo entre os jovens, como o profeta Elias, são "desejosos de morrer" mais do que viver, o Senhor nos oferece o pão do caminho.

Também a nós, aqui do Colle abençoado, Jesus nos ordena: "**Levante-se, coma!**" Levantar-se de nossos medos, de nossas tristezas, de nossos rancores, de nossas murmurações, de nossas falsas seguranças, de nossos preconceitos, e, comer o pão da vida: Jesus.

"Eu sou o pão da vida"

Queridos irmãos, concluímos este Congresso Internacional de Maria Auxiliadora celebrando, adorando e comendo o Pão da vida, o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo. Renovemos a nossa fé, retomemos o nosso caminho revigorados pelo "pão vivo descido do céu".

O pão vivo que sempre nutriu João Bosco, o pão vivo que o santo educador teve como coluna de seu sistema educativo. No dia 31 de dezembro de 1863, Dom Bosco disse aos seus jovens: "Imaginem ver um grande globo suspenso dos dois lados a duas colunas. Sobre uma está escrito: *Regina Mundi*; sobre a outra: *Panis vitae*". Depois veio a explicação: "O globo representa o mundo. As duas colunas são: uma, Maria Santíssima, a outra, o Santíssimo Sacramento. Eles são o que verdadeiramente sustentam o mundo, visto que se não fossem Maria Santíssima e o Santíssimo Sacramento, a esta altura, o mundo já estaria arruinado" (MB VII 585-586).

A Eucaristia é o pão da alma, é a vida da Igreja, é a força de nossas famílias. No *Católico precavido*, Dom Bosco escreve: "Quer, tu ó cristão, crescer na vida da graça e no bem, viver unido a Deus, e a cada dia tornar-se mais merecedor da vida eterna? Aproxima-te frequentemente e dignamente da mesa do Senhor. Justamente por isto que Jesus Cristo instituiu este sacramento, para que fosse para a alma, o que a comida é para o corpo, um alimento para manter e reforçar a vida espiritual".

"Com a força daquele alimento, caminhou"

Caminhemos em nosso tempo com corações eucarísticos e marianos, com corações apaixonados por Deus e pelos jovens, com a fé e a caridade de nosso pai Dom Bosco. Caminhemos sempre com este incentivo para encontrarmos a meta à qual todos somos chamados e sobre a qual Dom Bosco dissera: "Espero-vos a todos no paraíso".



Ó Deus Pai, que por tua glória
e em honra à Virgem Maria,
inspirastes teu servo São João Bosco
a construir um templo em honra à Mãe de Deus,
invocada como “Auxiliadora dos Crisãos”,
escuta a nossa oração confiante.

O apóstolo da Auxiliadora estava convicto
de que a própria Nossa Senhora havia construído a sua casa,
da qual a sua glória sairia irradiada.

Também nós proclamamos com alegria
que Maria é a casa de ouro adornada dos dons do Espírito Santo,
o palácio real iluminado pelo Sol da justiça,
a cidade santa saudada pelos rios da graça,
a arca da aliança que leva o autor da nova lei,
Jesus Salvador do mundo.

Te suplicamos que guardando a graça dos Sacramentos,
as nossas casas sejam lugares de comunhão, perdão e solidariedade.

A tua misericórdia se revele também em nossa geração
mais forte do que toda forma de divisão e de violência,
e a educação à boa vida do Evangelho
seja transmitida às novas gerações.

Por Cristo Nosso Senhor. Amém!



BICENTENARIO DELLA NASCITA
1815 • DON BOSCO • 2015

ADMA
ASSOCIAZIONE DI MARIA AUSILIATRICE